

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

JOSEÍLDA DO NASCIMENTO BEZERRA

**VOZ E VEZ DE IDOSOS EM UM PROGRAMA DE RÁDIO:
UM NOVO LUGAR PARA A SOCIALIZAÇÃO, AUTONOMIA
E SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL**

MESTRADO EM GERONTOLOGIA

SÃO PAULO

2018

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

JOSEÍLDA DO NASCIMENTO BEZERRA

**VOZ E VEZ DE IDOSOS EM UM PROGRAMA DE RÁDIO:
UM NOVO LUGAR PARA A SOCIALIZAÇÃO, AUTONOMIA
E SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL**

Mestrado em Gerontologia

Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para fins de apreciação e aprovação, como exigência parcial à Banca de Qualificação de Mestrado em Gerontologia, inserida na área de concentração: Gerontologia Social, Linha de Pesquisa Gerontologia: Processo Político-Institucional e Práticas Sociais, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia, vinculado à FACHS, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, para obtenção do título de Mestre em Gerontologia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Fláminia Manzano Moreira Lodovici.

São Paulo

2018

Banca Examinadora:

DEDICATÓRIA

À memória de meu avô, Manoel Inácio, eternamente grata.

AGRADECIMENTOS

Especial Agradecimento à CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão da bolsa durante o período de realização deste mestrado.

AGRADECIMENTOS

A este Ser que chamamos de DEUS, que está acima de tudo e de todos!

Em uma hierarquia justa, segue meu especial agradecimento a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Flaminia Manzano Moreira Lodovici, incansável na paciência, exemplo, e referência de ser humano, com sua maneira suave de conduzir, mas firme em ensinar, mostrando a importância da Gerontologia a seus alunos, dando a cada um a abertura para que descubram em si mesmos seus estilos de atuação. Um exemplo para mim.

Aos demais mestres do curso, que partilharam seus conhecimentos, tão importantes ensinamentos!, de quem pude obter o apoio fundamental para a elaboração desta dissertação, e a Rafael pelo suporte e disponibilidade sempre a postos para nos auxiliar no Programa de Mestrado em Gerontologia/PUC-SP.

À Rádio FM Monte Roraima, minha fonte de inspiração, ao acolher o Projeto “Viva Bem com Jô Nascimento”, abrindo espaço para que esta pesquisadora pudesse ser uma ponte com os idosos, dando Vez e Voz em um Programa de Rádio a seus ouvintes longevos — razão desta dissertação.

E, claro, aos meus ouvintes idosos, que tornaram possível eu me tornar uma “Mulher de Programa”, pela audiência oferecida por todos eles; meus maiores agradecimentos a todos vocês!

A meus familiares, pela força e incentivo, ajuda incondicional nos momentos difíceis: Mento, Gledson, Gersika e Gutto, nota dez a vocês!

Meus irmãos, minha sombra, que não me larga: Cinho e Josenilda, beijo carinhoso.

Luiza, Laura e Geovana, desculpem as várias ausências desta vovó.

Aos colegas de mestrado e os amigos de Boa Vista – entre uma ponte aérea e outra, boas conversas e sempre vários *insights*.

RESUMO

BEZERRA, Joseilda do Nascimento Bezerra. VOZ E VEZ DE IDOSOS EM UM PROGRAMA DE RÁDIO: UM NOVO LUGAR PARA A SOCIALIZAÇÃO, AUTONOMIA, SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. São Paulo, 2018.

O Programa de Rádio acompanhou a vida de todas as pessoas em nosso país, durante décadas. Especialmente em lugares onde, no presente, as tecnologias digitais acontecem de forma gradativa no cotidiano dos idosos, o rádio continua a ser a forma de as pessoas receberem, prontamente, informações, terem nele seu entretenimento, ocuparem seus ouvidos enfim, enquanto continuam ocupados com outras atividades. Neste limiar do século XXI, com o segmento idoso vivenciando o privilégio da longevidade, e aspirando a uma participação mais ativa na sociedade, uma pergunta se coloca: Será que um programa de rádio conseguiria mover os idosos para uma participação mais ativa, ao interagirem com seu apresentador/locutor? Ou: Participariam os idosos de forma colaborativa com uma mídia-rádio diretamente dirigida àqueles de sua faixa etária? Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo-explicativo, cujas respostas às questões abertas feitas aos idosos foram analisadas segundo a abordagem interacionista-gerontológica. São Objetivos Gerais: (i) Descrever e avaliar os efeitos/ressonâncias, de ordem subjetivo-social, obtidos por meio da idealização de uma proposta de produção e veiculação semanal de um programa de rádio, destinado ao segmento idoso; (ii) Possibilitar a participação do ouvinte-idoso de modo direto e em tempo real, a fim de interagir com o programa radiofônico e receber resposta às suas dúvidas. São Objetivos Específicos: (i) Introduzir a discussão conceitual da educação midiática para o envelhecimento, por meio de rádio, discutindo seus efeitos em uma comunidade; (ii) Explicitar como a programação radiofônica pode promover a discussão e participação dos ouvintes idosos, conduzindo-os a serem como co-produtores de um programa de rádio; (iii) Propiciar que os ouvintes idosos da rádio possam receber respostas às suas indagações sobre as problemáticas que vivenciam, recrudescendo o diálogo intergeracional. Concluiu-se que os idosos, ao terem a oportunidade de se manifestarem ao vivo em um programa de rádio: (i) recebem respostas às suas indagações sobre a problemática que vivenciam, incrementando a sociabilidade, o diálogo intergeracional; (ii) eles passaram a colaborar *pari passu* para a construção da programação da rádio específica, tornando-se como que co-produtores ao fornecerem ideias para tópicos a serem discutidos, ganhando, entusiasmo pela nova prática exercida voluntariamente; (iii) por essa via, esses idosos reforçam sua socialização, sua emancipação social ao potencializar sua autonomia, promovendo-se, em suma, a cidadania desses idosos, por meio destas práticas socioculturais de interação midiática.

Palavras-chave: Programa de rádio; Mídia-Educação para o envelhecimento; Socialização; Autonomia; Solidariedade intergeracional; Cidadania.

ABSTRACT

BEZERRA, Joseilda do Nascimento Bezerra. VOZ E VEZ DE IDOSOS EM UM PROGRAMA DE RÁDIO: UM NOVO LUGAR PARA A SOCIALIZAÇÃO, AUTONOMIA, SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. São Paulo, 2018.

The Radio Program has followed the lives of all the people in our country for decades. Especially in places where, at present, digital technologies take place gradually in the daily lives of the elderly, radio continues to be the way people get information, have their entertainment in it, occupy their ears at last, while they are busy with other activities. At this threshold of the 21st century, with the elderly segment experiencing the privilege of longevity, and aspiring to a more active participation in society, a question arises: Will a radio program manage to move the elderly to a more active participation by interacting with your presenter / speaker? Or: Would the elderly participate in a collaborative way with a radio-media directly addressed to those of their age group? It is a qualitative, descriptive-explanatory study, whose answers to the open questions made to the elderly were analyzed according to the interactionist-gerontological approach. The general objective is to describe and evaluate the subjective / social effects / resonances, a proposal involving the production, and the weekly broadcast of a radio program for the elderly, where they have the opportunity to speak out, raising questions and receiving the answers, through their direct participation, in real time. Specific objectives: (i) Introduce the conceptual discussion of media education for aging through radio; (ii) To verify, in the programming offered by the radio, how the production of the most critical and / or more participative content (polemics) is produced, precisely to recover those who say the most about the needs of the elderly; (iii) Explain how programming can promote the participation of the elderly, leading them to be co-producers of the radio program; (iv) To make it more objectively possible for elderly radio listeners to receive answers to their questions about the problematic they are experiencing, including by intensifying intergenerational dialogue in their homes. It was concluded that the elderly, when given the opportunity to present themselves live on a radio program: (i) they receive answers to their questions about the problematic they experience, increasing sociability, intergenerational dialogue; (ii) they began to collaborate *pari passu* for the construction of specific radio programming, becoming as co-producers in providing ideas for topics to be discussed, gaining, and enthusiasm for the new practice practiced voluntarily; (iii) by this way, these elderly reinforce their socialization, their social emancipation by empowering their autonomy, promoting, in short, the citizenship of these elderly, through these socio-cultural practices of media interaction.

Keywords: Radio program; Media-Education for Aging; Socialization; Autonomy; Intergenerational solidarity; Citizenship.

P

P

P

VOZ E VEZ DE IDOSOS EM UM PROGRAMA DE RÁDIO: UM NOVO LUGAR PARA A SOCIALIZAÇÃO, AUTONOMIA E SOLIDARIEDADE INTERGERACIONAL

SUMÁRIO	Págs.
I. Introdução	10
1.1. Contexto e Justificativa	10
1.2. Problematização, Questões de Pesquisa, Hipóteses	13
1.3. Objetivos: Geral e Específicos	14
II. Metodologia	15
2.1. Características da Pesquisa	15
2.2. Amostra	18
2.3. Contexto de Realização do Estudo	19
2.4. Coleta de dados	20
2.5. Instrumentos utilizados	22
2.6. Tratamento dos dados	22
2.7. Critérios éticos	23
III. Balizamento teórico	25
3.1. A Gerontologia e sua conversa interdisciplinar com outras áreas	25
3.2. Considerações sobre Memória, Cultura, Cidadania	37
3.3. Empoderamento, Autonomia e Solidariedade Intergeracional	41
IV. A história do rádio	46
4.1. A rádio FM Monte Roraima	50
4.2. O rádio como espaço cultural: o despertar da pesquisa	51
4.3. Descrição do Programa “Viva Bem com Jô Nascimento”	53
V. Resultados	55
VI. Considerações finais	58
VII. Referências bibliográficas	61
VIII. Anexos	64
Anexo 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	64
Anexo 2. Ficha de Dados dos Entrevistados	65
Anexo 3. Quadro de Identificação dos Entrevistados	66
Anexo 4. Ficha de Transcrição das Entrevistas	67

1.INTRODUÇÃO

1.1.Contexto e Justificativa

Tenho em mente de que a voz do rádio e a voz dos idosos sejam componentes enriquecedores para a memória social, coletiva, que constituam o combustível para alimentar o imaginário dos que lhes têm escuta, a partir de vivências intensas de vida e história — é pensando dessa forma que tentei, aqui, aproximar rádio e idoso na busca de uma equilibrada sintonia.

Idosos que, ao longo da trajetória de vida, tiveram, no rádio, um companheiro para suas mais diversas horas de vida: de solidão, de companhia durante a labuta diária, de reuniões na convivência com familiares e amigos, de festas, tornando-se, pois, como que importante aliado para todas as atividades do cotidiano. Um hábito saudável de escuta, que tomou gosto popular na vida das pessoas desde regiões longínquas do litoral brasileiro às das grandes metrópoles, de forma transversal, a ponto de quem tinha um rádio dividia com quem não o tinha, escutando, então juntos, uma determinada programação: costumeiramente vizinhos iam para a casa de um outro para acompanhar as radionovelas, o “reporte” (radiojornal) e a Hora do Brasil; dessa forma, iam compartilhando informações “quentinhas”, fortalecendo o vínculo social, entre vizinhos, amigos, e familiares, reforçando laços de amizade, de afeto.

O rádio visto por muitos como um amigo inseparável, tem sua importância no meio social por ter como característica uma linguagem que, para além de um entretenimento ao ouvinte por meio de suas mais diversas programações, traz informações atualizadas e de forma leve, de fácil entendimento, muito diretas e sempre oportunas.

Assim, o ponto relevante deste trabalho se afigurou, quando se avultou a importância de um programa de rádio destinado diretamente aos idosos, especialmente aqueles residentes em regiões muito afastadas de nosso país, desguarnecidas de informações que atendam direta, e em tempo real, às suas demandas, quanto às problemáticas de saúde, de falta de medicação, de apoio subjetivo-social etc.

O ponto de partida para a escolha do tema, que se definiu de modo mais preciso no título “Voz e vez de idosos em um programa de rádio: Um novo lugar para a socialização, autonomia e solidariedade intergeracional”, está relacionado com os campos do envelhecimento, da comunicação radiofônica, para fazer uma aproximação com idosos que estavam em suas casas, em seus afazeres cotidianos, ao mesmo tempo em que pudessem estar sintonizando uma rádio.

Na atualidade, uma visão do envelhecer na contemporaneidade, provoca buscar, em estudiosos e pesquisadores, novos espaços de convivência a eles, de forma a engajá-los e reintegrá-los no meio social.

Este trabalho desenvolvido no Mestrado está ancorado em uma experiência pessoal, direcionado para a promoção no campo do envelhecimento, dando voz e vez aos idosos sintonizados em uma rádio de alcance regional, do Norte do país, idealizada e implementada por esta mestranda.

O relato dessa experiência praticamente inédita no Brasil, em rádio situada em cidade totalmente deslocada das grandes metrópoles ou grandes centros do país, mas com ressonâncias em diversas cidades da região do estado de Roraima, no coração da Amazônia, é o que me foi apoiado para elaborar, nesta pesquisa de Mestrado na Gerontologia da PUC-SP.

A sustentação teórico-metodológica para refletir e problematizar as problemáticas do envelhecimento e da velhice, como se verá em capítulo adiante, me foi orientada em uma linha sequencial, partindo da leitura de teóricos clássicos: Beauvoir (1990), Bosi (1987/2004), Debert (1999), Messy (1999), Mucida (2004), dentre outros. O tema desta dissertação levou-me a estudar tópicos da cultura, da educação, comunicação e cidadania, e dentro do universo de saberes sobre o idoso, para que fosse possível entender a ligação possível de um idoso a um programa de rádio.

A orientação para a seleção dos entrevistados desta pesquisa teve o intuito de estabelecer um registro da participação direta de idosos em uma programação radiofônica, da forma como emergiam, em sua memória, dados de ordem familiar, grupal, social, ou pessoal, relatados livremente ao

solicitarem uma música, ou ao opinarem sobre um dos temas musicais ou gerontológicos, apresentados naquele momento. Antecipo que, decidida a opção pelas entrevistas com idosos participantes do citado programa radiofônico, como instrumento metodológico deste estudo, estas foram realizadas presencialmente, sendo os nomes reais preservados, e substituídos por outras denominações, resguardando-se, assim, as identidades dos sujeitos. Estes passaram a ser, então, nomeados segundo os rios da região amazônica: Ailã; Água Boa; Ajarani; Alalaú; Amajari; Rio Branco; Catrimani; Cauamé; Itaparã; Mucajaí; Maú; Parimé; Surumu; Tacutu; Uraricuera; e Xeruiuni (ANEXO III). No capítulo **II, Metodologia**, explicitam-se os procedimentos adotados para a realização das análises. No Capítulo III, encontra-se o balizamento teórico que sustenta a análise dos dados, com base na Gerontologia Social, cujo tratamento das questões se dá em perspectiva interdisciplinar, a partir de autores que sustentam a conceituação que é aí desenvolvida. O **Capítulo IV, A história do rádio**, traz um breve histórico do fenômeno comunicacional rádio, da rádio FM Monte Roraima, do Programa “Viva Bem com Jô Nascimento”, foco desta dissertação. No **Capítulo V** encontra-se a análise, a interpretação e a discussão dos dados. Foram analisadas as respostas de 16 entrevistas, com o intuito de responder às questões de pesquisa, entrevistas essas que foram gravadas e transcritas em sua integralidade; destas, alguns fragmentos mais representativos das respostas dadas pelos 16 sujeitos entrevistados fizeram emergir as respectivas categorias temáticas que ali são explicitadas. As entrevistas foram realizadas entre 03 de setembro de 2016 e 26 de novembro de 2016, recebendo dois tipos de análise: (a) a análise contextual (a partir de dados observados e registrados em Caderno de Campo); (b) a análise discursiva de fragmentos dos discursos dos cuidadores, considerados mais representativos, quanto a queixas dos ouvintes-idosos, solicitações diversas, e suas posições diante das situações que lhes são expostas oralmente pela rádio; a análise propiciou sua sistematização em categorias temáticas. Por fim, no **Capítulo VI, as Considerações Finais**, o qual sumariza os resultados da análise feita e sua interpretação.

1.2.Problematização / Questões de Pesquisa / Hipóteses

Coloca-se aqui a problematização, partindo do pressuposto seguinte: a oferta de um programa de rádio com temas específicos, de interesse para o público idoso, seria, provavelmente, capaz de configurar um espaço de oferta de informação e colaboração tendo como meta uma reflexão mais lúcida e a transformação de vidas; a comunicação, a interlocução com os ouvintes seria o ponto alto de valorização da pessoa idosa em seu processo de envelhecer.

Problematiza-se a questão de não ter sido encontrada, em nosso país, uma iniciativa similar a esta quanto a promover um canal de interlocução entre mídia-radiofônica e idosos, tendo-os como interlocutores privilegiados em suas demandas e novas propostas temáticas.

É quando Questões de Pesquisa emergiram, requerendo que fossem investigadas, subsumindo-se nas seguintes: (1) Quais os efeitos na vida de idosos que são convidados a participar de uma proposta de interlocução, via comunicação radiofônica, que lhes é dirigida diretamente?, ou Em que sentido um programa de rádio em tempo real poderia proporcionar mudanças na dinâmica de vida desses ouvintes idosos? (2) Haveria uma mudança significativa nas relações desses idosos consigo mesmos, com os familiares, com a comunidade?

Nossas hipóteses seriam: a possibilidade de se oferecer uma educação para o envelhecimento e velhice, via rádio (ainda o meio mais próximo e mais usual na região amazônica de contato entre as pessoas), com a participação direta e em tempo real dos ouvintes-idosos, poderia promover sua socialização, conduzindo-os à emancipação social, ao potencializar sua autonomia. Seria ir ao encontro da promoção da cidadania desses idosos, por meio de práticas como estas de interação midiática.

Para dar conta dessas preocupações, foram formulados os objetivos desta pesquisa explicitados a seguir.

1.3. Objetivos

Gerais

- (i) Descrever e avaliar os efeitos/ressonâncias, de ordem subjetivo-social, obtidos por meio da idealização de uma proposta de produção e veiculação semanal de um programa de rádio, destinado ao segmento idoso;
- (ii) Possibilitar a participação do ouvinte-idoso de modo direto e em tempo real, a fim de interagir com o programa radiofônico e receber resposta às suas dúvidas.

Específicos

- (i) Introduzir a discussão conceitual da educação midiática para o envelhecimento, por meio de rádio, discutindo seus efeitos em uma comunidade;
- (ii) Explicitar como a programação radiofônica pode promover a discussão e participação dos ouvintes idosos, conduzindo-os a serem como co-produtores de um programa de rádio;
- (iii) Propiciar que os ouvintes idosos da rádio possam receber respostas às suas indagações sobre as problemáticas que vivenciam, recrudescendo o diálogo intergeracional.

2. METODOLOGIA

2.1. Características da Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo-explicativo e exploratório. O estudo do tipo descritivo-explicativo foi por pretender indicar, explicitar, as determinantes que caracterizam o problema em estudo, além de buscar explicar tais pontos relevantes; e exploratório, pela preocupação em torná-lo explícito diante dos objetivos propostos, tendo como base o levantamento bibliográfico, com uma sustentação empírica para recuperação do discurso de ouvintes-idosos entrevistados em suas demandas, queixas e sugestões; ou seja, analisaram-se, em suas respostas às questões de entrevista, seus comportamentos, atitudes e/ou valores; procedeu-se, pois, ao reconhecimento de uma dada realidade (a dos idosos ouvintes de um Programa radiofônico a eles destinado), realidade que foi pouco, ou insuficientemente, ou nunca estudada. Levantaram-se hipóteses para entendimento dessa realidade, tentando-se caracterizar, analisar as atividades existentes e as que precisariam ser implementadas.

A forma de abordagem para a coleta e análise dos dados foi a qualitativa, em uma perspectiva interdisciplinar e com foco social (LODOVICI; SILVEIRA, 2011). Promoveu-se uma revisão sistemática da literatura existente, recuperada de início a partir das seguintes palavras-chave: *Programa radiofônico e Envelhecimento, Rádio e idosos; Discurso radiofônico para a terceira idade; Mídia-educação para o envelhecimento*. Pautou-se também na interpretação gerontológica, à luz da linha interacionista-dialógica, de um empírico trazido pelas respostas a seis questões abertas, feitas aos entrevistados.

A busca de dados para a revisão sistemática de conteúdos o que pareceu, a nosso ver, serem importantes para uma contextualização dos estudos sobre a mídia-rádio e a dirigida a idosos; foram feitas nas seguintes bases on-line: Google Acadêmico e Revista Kairós Gerontologia.

Na pesquisa realizada, foram identificadas 615 entradas, a partir das palavras-chave citadas. Não foi inserido aqui o levantamento feito, porque o que interessava aos objetivos desta pesquisa, que seria recuperar outras experiências de rádio voltadas ao envelhecimento/velhice/pessoa idosa, isso não foi encontrado. Apenas um programa radiofônico tem, em sua programação sobre acontecimentos diversos do cotidiano, o espaço de um dia da semana (a terça-feira) para uma programação voltada aos idosos. Trata-se do comandado pelo jornalista Anísio Chagas, há 12 anos no ar diariamente, cujo título é “Análise do Fato”, na Rádio Adventista Novo Tempo (na frequência de 96.9 FM), em Florianópolis (SC). Um outro programa, “Gotas de Fé”, comandado pelo mesmo jornalista, há 20 anos, na TV Barriga Verde Bandeirantes, aborda também tópicos da terceira idade, dentre outros assuntos.

Portanto, verificou-se a insuficiência de programas radiofônicos destinados às pessoas idosas, o que nos fez ganhar entusiasmo para atender à necessidade de desenvolvimento desta pesquisa com esse propósito.

Dessa forma, neste trabalho, como instrumento de coleta de dados foi utilizada, neste trabalho, a técnica de entrevista semi-estruturada ou de entrevista aberta. Esta modalidade permite ao entrevistador uma maior flexibilidade, na medida em que se pode alterar a ordem das perguntas e se tem ampla liberdade para fazer intervenções, de acordo com o andamento da entrevista (BLEGER, 1993). As entrevistas com os participantes deste estudo se deu nos estúdios da própria rádio.

A entrevista é aqui entendida como prática discursiva, de forma a entendê-la como uma real ação (no sentido de uma interação), situada e contextualizada, e por meio da qual emergem sentidos, com novas versões da realidade.

Foram formuladas seis questões abertas, antecipadas aqui, e que orientaram, de início, as entrevistas:

1. Por que o(a) senhor(a) sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 7h00 horas, nas manhãs do sábado?, em que se avaliou o nível de interesse do ouvinte-idoso.

2. Qual sua motivação para ouvir o Programa “Viva Bem com Jô Nascimento”, na Rádio FM Monte Roraima?, em que se buscou um motivo, uma causa, que leva o idoso a ser um ouvinte assíduo do Programa radiofônico.
3. Há quanto tempo é ouvinte do Programa? Aqui, saber do tempo que o ouvinte idoso acompanha o programa radiofônico, o que lhe poderá permitir o empoderamento de conhecimentos sobre o envelhecimento e a velhice.
4. Encontra no Programa resposta para questões de seu interesse ou necessidade?, pergunta esta que se articula ao tema da autonomia do idoso, que ganha no programa radiofônico um espaço para sua expressão.
5. Por meio da participação no Programa, o(a) senhor(a) faz sugestão de temas para programas seguintes? Pergunta que evoca o tema do aprendizado e da troca, com o Programa oferecendo espaço ao ouvinte-idoso para sua participação direta.
6. Na sua opinião, considera que o Programa provoca mudanças na vida dos ouvintes-idosos? O tema aqui evocado pela escuta ao Programa radiofônico é a emergência de novos projetos de vida, por parte dos ouvintes-idosos.

Pensando nas respostas a essas questões, e diante da necessidade de analisá-las, interpretá-las o mais adequadamente possível, alguns pontos prévios foram propostos, no sentido de conduzir o aporte teórico a cada parte desta investigação: - Sobre o que significa criar um programa de rádio no espaço cultural contemporâneo. - Sobre que operações específicas estão envolvidas nesse processo. - Sobre quais seriam as funções de um programa de rádio criado para/e com idosos. - Esse programa teria que estar fundado em concepções do envelhecimento e velhice que pudessem dar lugar, antes que apenas a um sujeito real (por exemplo, o apresentador/locutor da rádio), mas a várias posições-sujeito, de múltiplos autores (no nosso caso de vários produtores-idosos), em uma situação trans-discursiva (no sentido de fala-escuta/escuta-fala, em discursos articulados ou que se atravessam), da produção ao vivo das programações. - Seria importante refletir sobre a questão

da sensibilidade e da sociabilidade. - E sobre a relação com a memória dos idosos. – Sobre como dizer de efeitos visíveis quanto à sua autonomia a partir do empoderamento dos idosos, a partir de sua “co-participação” no Programa radiofônico.

Diante, pois, da falta de um programa radiofônico voltado ao idoso no Norte do Brasil, este estudo pretende também contribuir com subsídios teórico-metodológicos para uma melhor compreensão sobre como o ouvinte-idoso pode/deve proceder, via mídia-rádio, para encaminhar suas problemáticas cotidianas, às quais ele busca resposta; além de buscar entender quais as implicações dessas suas práticas e os efeitos do movimento de socialização de informações sobre o envelhecimento e velhice, que são trazidos ao idoso, aos seus próximos, e à comunidade.

2.2 Amostra

A amostra foi constituída por um grupo de 16 ouvintes-idosos, que responderam a 7 (sete) questões abertas, e ainda às questões fechadas do Questionário sociodemográfico também aplicado. O grupo era composto por 12 pessoas do gênero masculino e 04 do gênero feminino, com idade acima de 60 anos. No grupo masculino, 06 continuavam casados; 02 separados; 03 viúvos; e 1 solteiro. No grupo feminino: 02 continuavam casadas; nenhuma separada; 1 viúva; e 1 solteira. Quanto à escolaridade masculina: 1 com nível superior completo; 1 com 1º grau completo; 3 com 1º grau incompleto; 5 com primário completo; e 1 analfabeto. Quanto à escolaridade feminina: 1 com superior completo; 1 com 1º grau completo; e 1, com 1º grau incompleto. Quanto à fonte masculina de renda: 09 eram aposentados; 03 ainda trabalhavam. Fonte de renda feminina: 02 aposentadas; e 02, sem renda. Moravam com familiares 09 homens; 03 homens moravam sós. Quanto às mulheres: 04 moram com familiares; Nenhuma mulher mora sozinha.

Os critérios para a constituição do grupo de entrevistados foram os seguintes: ter mais de 60 anos; ser ouvinte do programa de rádio, não importando gênero, escolaridade, religiosidade, condição física, civil, ou empregatícia; ter manifestado disponibilidade de participar do estudo,

cadastrando-se voluntariamente; ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, TCLE.

2.3. Contexto de Realização do Estudo

Os sujeitos-idosos foram convidados para participar do Programa “Viva bem com Jô Nascimento”, transmitido pela Rádio FM Monte Roraima, frequência modulada 107,9 MHz, rádio gerida pela Fundação Cultural José Allamano, na capital Boa Vista, do estado de Roraima. Uma prestação de serviços por meio da mídia-rádio, voltados para a vida e para a cidadania de pessoas idosas de Boa Vista e regiões próximas, nessa única rádio católica daquele estado do Norte do Brasil. O Programa Radiofônico é levado ao ar todos os sábados, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã, ininterruptamente, com centenas de idosos interagindo com a apresentadora. Esse Programa de rádio recebeu apoio da Diocese de Roraima, que abriu espaço para a inclusão, em sua grade de serviço radiofônico, deste programa voltado ao segmento idoso.

O campo de investigação utilizado neste trabalho, conforme já exposto foi através da oferta de um Programa de rádio específico para ouvintes idosos de uma rádio situada na capital Boa Vista, estado de Roraima.

O Programa denominado “Viva Bem com Jô Nascimento”, transmitido pela Rádio FM Monte Roraima, e que opera na frequência modulada 107,9 MHz, tem como característica levar informação em tempo real e trazer seus ouvintes a uma reflexão participativa pretendendo-se o empoderamento de informações pelos idosos e seus familiares e amigos, advindos do diálogo pergunta-resposta, conhecimentos fundados na concepção gerontológica do envelhecimento e velhice, na medida em que a comunicadora (esta pesquisadora), dá espaço para os participantes manifestarem-se, transformando-se, então, em co-produtores do Programa, dando vez e voz a eles, fosse por meio de ligação telefônica ao vivo, por meio de cartas, ou e-mails, ou entrevistas no próprio estúdio.

As entrevistas foram realizadas no estúdio da Rádio, com dia e hora previamente agendados; e, para um melhor resultado, foram marcados apenas dois idosos por encontro, com a coleta de dados de entrevista iniciada em 03 de setembro de 2016 e finalizada em 26 de novembro de 2016.

2.4. Coleta de Dados

No desenvolvimento desta pesquisa foram utilizados, como métodos de coleta de dados, a análise documental, as respostas a questionário sociodemográfico com perguntas fechadas, as respostas à entrevista semi-estruturada, de início com 7 perguntas abertas; e as observações em Diário de Campo, cujo conteúdo recebeu cruzamento com outros dados, a fim de comprovar a veracidade das informações (SOUSA, & BAPTISTA, 2011). A caracterização socioeconômica dos 16 sujeitos entrevistados envolveu a recuperação de dados pessoais como: gênero, idade, religião, naturalidade, ocupação, escolaridade, renda, vínculo empregatício, condições da saúde, composição e renda familiar.

A pesquisa, por ter assumido o caráter documental, procurou se valer de dados e registros do próprio Programa, já consolidados anteriormente, mas atualizando-os, por conta de serem resultantes de uma atividade de prática desta pesquisadora que trabalha semanalmente como comunicadora na rádio aqui citada.

A análise qualitativa neste trabalho, como dito antes, com base em uma análise tipo documental, tem validade para o levantamento sociodemográfico do perfil do sujeito entrevistado, a partir de perguntas fechadas e algumas abertas. Na entrevista individual semi-estruturada, foram perguntas abertas, para que o entrevistado transmitisse oralmente seu olhar sobre a realidade em que vive, as dificuldades quanto a receber informações atualizadas neste espaço tão distante das grandes metrópoles, os efeitos desse isolamento às famílias e aos membros idosos etc.; os resultados poderão contribuir, dessa forma, para se chegar a uma ideia do quanto é necessária, e se deve reforçar, a presença de uma mídia voltada ao segmento idoso em lugares distantes do

Brasil.

No caso das entrevistas com os ouvintes-idosos, tentou-se proceder tal qual o formulou Bardin (2011, p. 51), ao propor que, em uma situação de entrevista, o ideal é que se “obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo), com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo)”. Isso significa que se leve em conta que a pesquisa qualitativa envolve uma relação dinâmica entre mundo real e sujeito, isto é, mantém o vínculo indissociável entre mundo objetivo e subjetividade do sujeito, que não pode ser simplesmente traduzida em números, mas necessita de uma adequada análise e interpretação por parte de um pesquisador (MINAYO, 2010).

2.5. Instrumentos utilizados

Os instrumentos utilizados foram: um Questionário sociodemográfico com perguntas fechadas que foi aplicado a todos os entrevistados; um Questionário com perguntas abertas aplicado como guia para a entrevista semi-estruturada, que dá oportunidade à participação dos idosos para explicitação de suas opiniões, no presente caso, sobre o programa radiofônico de que participam, perguntas tendo por base a procura de respostas aos objetivos dos quais partiu a pesquisa; um Diário de Campo foi o instrumento etnográfico utilizado por esta pesquisadora para o registro dos sentimentos manifestos, durante as respostas, pelos entrevistados: dificuldades, dúvidas, restrições, entusiasmo, ironias..., assim como o registro de acontecimentos não-previstos.

Os procedimentos para a aplicação, a fim de se evitarem incoerências ou incompreensões, foram bem pensados previamente, para que pudessem ser validados: (1) as questões foram colocadas, de forma clara e o mais serena possível, ao entrevistado; (2) foi solicitado ao entrevistado que respondesse às questões, e que também as explicasse, o que foi gravado para posterior transcrição.

2.6. Tratamento dos Dados

O termo “dado” diz respeito a material de *input*, material bruto, sem a interpretação do pesquisador, que ele recupera da realidade de mundo que se propôs a estudar, mas que constitui a base de análise (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Todas as 16 entrevistas feitas com os sujeitos de pesquisa foram transcritas previamente. Para facilitar a nomeação das pessoas entrevistadas e preservar o seu anonimato, substituíram-se os nomes verdadeiros por nomes de rios da região amazônica. A seguir, procedeu-se à análise de conteúdo, segundo Bardin (2011) é uma técnica de investigação cuja finalidade é a interpretação das respostas obtidas a perguntas de entrevista, no presente

caso. A análise dos dados foi organizada de acordo com as etapas propostas por Bardin (2011), ou seja: (1) Pré-análise, fase de organização, quando se sistematizam as ideias iniciais, para facilitar o desenvolvimento das operações seguintes; (2) A exploração do material, fase do trabalho que consiste na categorização, ou enumeração dos dados em função do que foi antes decidido. As categorias foram definidas à priori, com base nos temas propostos após a sistematização das respostas. Categorias essas que foram sendo revistas posteriormente. Bardin postula que “a partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias” (Bardin, 2011, p. 119). Acrescenta ainda que a categorização visa a fornecer uma representação simplificada dos dados brutos, ou seja, é a passagem dos dados brutos para dados organizados (Bardin, 2011, p. 119). (3) O tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação: “os resultados brutos devem ser tratados de modo a se mostrarem significativos e válidos”, apresentando-se sob a forma de quadros de resultados, e outras configurações esquemáticas, que os condensem e ponham em destaque os resultados fornecidos pela análise (Bardin, 2011, p. 101).

2.7. Critérios éticos

A realização da pesquisa se deu após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos, e de os voluntários terem assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, TCLE, além de terem sido informados do sigilo da investigação, e de terem o direito a se retirarem da pesquisa, se não se sentissem à vontade ao participar.

Os sujeitos da pesquisa são, pois, idosos-ouvintes da Rádio FM Monte Roraima, em específico os idosos do Programa “Viva Bem com Jô Nascimento”, que foram convidados em caráter voluntário, seguindo as diretrizes e normas que regulamentam pesquisas envolvendo humanos (Resolução 422/12 do Conselho Nacional de Saúde - CNS), denominados a partir de agora “Participantes da Pesquisa”. São homens e mulheres com idade a partir de 60 anos, havendo uma predominância do sexo masculino. São residentes do município e do interior do estado, que tem o rádio como sua

companhia diária. Para que fosse resguardada a identidade desses participantes, foram dados a eles nomes de rios da região Amazônica, como forma de destacar a região a que eles pertencem (Anexo II).

Ao longo dos programas semanais, a pesquisadora fez convite, aos ouvintes, através do próprio programa radiofônico que, tão logo e muito curiosos, Muitos colocaram-se à disposição. Não foi difícil fazer a seleção, uma vez que todos eram idosos, atendiam ao perfil desejado para a pesquisa; então, o critério mais rápido foi o de saturação, ou seja, selecionar os 16 primeiros que ligassem e que cumprissem os requisitos colocados. Em seguida, foi apresentada a proposta da pesquisa, o agendamento para as entrevistas com dia e hora previamente marcados no estúdio da rádio, agrupando dois a dois aleatoriamente, independentemente de sexo, bairro ou município, condição financeira, ou nível de escolaridade.

De início, foram entrevistados 12 homens e 4 mulheres, totalizando 16 pesquisados, com idade entre 60-82 anos; após este primeiro encontro, um segundo encontro foi necessário para explicação, assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, momento em que também foi acordado que, após a conclusão da dissertação, seria dada uma devolutiva do resultado da pesquisa aos participantes.

III. BALIZAMENTO TEÓRICO

3.1.A Gerontologia e sua conversa interdisciplinar com outras áreas

“A mais bela experiência que podemos ter é a do mistério. É a emoção fundamental existente na origem da verdadeira arte e ciência. Aquele que não a conhece e não pode se maravilhar com ela está praticamente morto e seus olhos estão ofuscados.”
(Albert Einstein)

A epígrafe, que fala do mistério da vida humana, incita-nos a procurar saber mais, para nos maravilharmos diante da conquista de uma vida mais longa. Mas, antes que isso, enfrentar o desafio da qualidade dos anos conquistados a mais de vida: a necessidade que sentimos de nos engajarmos em estudos e propostas de práticas diárias de atividades das mais variadas ordens: físicas, intelectuais, socioculturais etc., direcionadas aos idosos e que permitam que sua vida estendida se dê com mais bem-estar, que se possa garantir-lhes uma melhor qualidade de vida na velhice longa.

Para poder dar conta desses aspectos, devemos pensar sobre que referências teóricas atuais e clássicas da área do Envelhecimento e Velhice, podem dar um aporte teórico para as análises a serem feitas em torno dos dados selecionados para esta investigação: um programa radiofônico criado junto a pessoas idosas. Justamente para a compreensão do que esse programa de rádio passou a significar para a comunidade de Boa Vista e regiões próximas, mormente em termos educativos sobre o envelhecer e sobre a velhice.

Evoca-nos, aqui, os dizeres de Walter Benjamin (*apud* SILVA, 1992) quando esse pensador deixou-nos a sugestão, diante de uma experiência inovadora, de que é preciso “escovar a contrapelo” a história ligada a esse acontecimento: neste caso do programa radiofônico criado para, e com, idosos, tentar explicar as razões que levaram à idealização desse Programa, e desvelar os efeitos do Programa sobre o segmento idoso de Boa Vista e regiões limítrofes. Que o Programa trouxe mudanças nas famílias, isso se evidencia logo de início, dadas as demandas de todas as ordens (saúde,

direitos, cuidados...) trazidas à Rádio, o que faz ver a necessidade de que se trabalhe mais efetivamente em favor do segmento idoso.

Sabe-se que, no mundo contemporâneo, o envelhecimento é um fato que não pode mais ser contestado, dado que as pesquisas atestam que há um aumento do segmento populacional acima dos 60 anos e que essas pessoas estão vivendo cada vez mais tempo. O fato de se estar envelhecendo, de modo tão acelerado, traz transformações nos valores éticos, estéticos, e no modo como se percebe o processo de envelhecer.

Esta dissertação está situada dentro da área da Gerontologia da PUC-SP que optou pela concentração de seus estudos na Gerontologia Social, sendo esta a ciência que estuda o processo de envelhecimento considerando-o em todos os seus aspectos: físicos, culturais, psicológicos, econômicos. Assim, este termo é definido desta forma:

Gerontologia é o campo multi e interdisciplinar que visa à descrição e à explicação das mudanças típicas do processo de envelhecimento e de seus determinantes genético-biológicos, psicológicos e socioculturais. Interessa-se também pelo estudo das características do idoso, bem como das várias experiências da velhice e envelhecimento ocorrendo em diferentes contextos socioculturais e históricos. Abrange aspectos do envelhecimento normal e patológico. Compreende a consideração dos níveis atuais de desenvolvimento e do potencial para o desenvolvimento. (MADDOX, 1987 apud NERI, 2001b: 54).

Este termo Gerontologia foi definido, pela primeira vez, em 1954 por Clark Tibbits (NERI, 2001b) para estudar o impacto das condições sociais e socioculturais sobre o processo de envelhecimento. Temas, como rede de suporte social, relações intergeracionais, práticas e políticas sociais, bem-estar na velhice, formas como as instituições sociais gerem a velhice e atitudes em relação à velhice, são os assuntos pelos quais a Gerontologia Social se interessa. Em relação ao termo idoso, várias literaturas afirmam que não existe uma definição única sobre o conceito de velhice ou de idoso, e isso porque:

(...) não existe um consenso sobre o que se chama de velhice, porque as divisões cronológicas da vida humana não são absolutas e não correspondem sempre às etapas do processo de envelhecimento. Isto é, a velhice não é definível por simples cronologia, senão – e melhor! – pelas condições físicas, funcionais, mentais e de saúde das pessoas analisadas. (SAN MARTIN; PASTOR, 1990, *apud* PASCHOAL, 1996b: 27).

Paschoal (1996b) define a velhice a partir de um conjunto de condições: biológica, social, econômica, cognitiva, funcional e cronológica. Dessa forma, tem-se que, biologicamente, o envelhecimento se inicia no momento em que se nasce, e não aos 60 anos. Socialmente, a velhice vai variar de acordo com o momento histórico e cultural; intelectualmente, diz-se que alguém está ficando velho quando suas faculdades cognitivas começam a falhar, apresentando problemas de memória, atenção, orientação e concentração; economicamente, a pessoa entra na velhice quando se aposenta, deixando de ser ativo no mercado, ou produtivo para a sociedade. Funcionalmente, é quando o indivíduo perde a sua independência e precisa de ajuda para desempenhar as necessidades básicas; e cronologicamente, uma pessoa é idosa quando faz 60 ou 65 anos. A ONU adota a idade de 60 anos como a idade de transição das pessoas para o segmento idoso da população. Esse critério é válido apenas para os países em desenvolvimento, adotando-se 65 anos para os países desenvolvidos, pelo fato de a expectativa de vida ser maior (ONU, 1985, *apud* PASCHOAL, 1996: 27). Nesse ponto, fica uma pergunta no ar: uma pessoa de 70 anos, que trabalha, e não apresenta déficit cognitivo, é independente financeira e funcionalmente, pode ser considerada velha, apenas em função da idade cronológica?

A seguir, foi-se tentando dar conta dos pontos colocados, antes para reflexão:

- Sobre o que significa criar um programa de rádio no espaço cultural contemporâneo. E sobre que operações específicas estão envolvidas nesse processo.

Tornou-se evidente que este não poderia mesmo ser um programa de rádio tal como a maioria dos programas radiofônicos o são, ou seja, dirigido monológica ou autocraticamente a um determinado público. Esta comunicação

levada a efeito pela apresentadora inaugurou-se a partir da *mobilidade do mundo contemporâneo*, ou seja, a partir do movimento “espiralado” de um diálogo entre partes: a locutora, tomada como ponto de partida para um movimento que seguiria para os ouvintes-idosos, e retornaria em tempo real, por meio da fala desses ouvintes-idosos, fosse fazendo perguntas sobre o tema estabelecido para aquela manhã de sábado, fosse propondo novos temas para os programas seguintes. Estava assim instituído o espaço que poderia dar vez e voz aos idosos que falariam diretamente de suas necessidades de momento.

- Sobre quais as funções de um programa de rádio criado para/e com idosos:

Pensou-se, pois, em uma atividade radiofônica que, ao estabelecer um diálogo entre idosos e locutor de um programa, poderia caracterizar-se como tendo uma **função sociocultural**, isto é, estaria voltado a uma ocupação, muito proveitosa e instrutiva, do *tempo livre dos idosos*, que se pode dizer de acordo com práticas similares conhecidas por *Animação Cultural*, conforme os próprios entrevistados-idosos revelaram em suas falas:

“Sempre nos acrescenta algo para refletir.” (Surumu, 78 anos).

“Porque eu gosto, eu sou vigia, o rádio ajuda na companhia e gosto muito de escutar.” (Parimé, 68 anos)

“Sim, ele chegou numa boa hora, tava meio depressiva, até tomando remédio pra solidão.” (Amajari, 66 anos)

Os ouvintes-idosos, além de receberem encaminhamento para suas queixas e problemas, teriam respostas às suas dúvidas – **função informativo-social** da comunicação radiofônica -, e ainda usufruindo de um entretenimento – **função de entretenimento/lazer** -, que não exige atenção exclusiva, nem impõe passividade; pelo contrário, os ouvintes, a um só tempo, continuam seu trabalho cotidiano na casa, no comércio, na lavoura etc., e ainda exercitam suas mentes, ao tornar presentes, em sua participação em tempo real no programa, fatos de sua juventude: seja ao declamar uma poesia, seja ao mandar via rádio felicitações de aniversário para amigos e familiares, ou

mensagens de outra ordem, seja ao solicitar uma música que os reporta a um tempo anterior, tal qual nestas respostas de entrevistados, aqui antecipados:

“Sim, já fiz algumas vezes pedidos de temas e músicas também, de um passado muito feliz.” (Tacutu, 61 anos)

“Todo sábado tem um tema diferente, também gosto das músicas, faz lembrar os tempos da juventude, as músicas de hoje não têm muito sentido.” (Água Boa, 69 anos)

Kischinhevsky (2012) caracteriza, por essa função informativo-social, essa modalidade de fazer rádio, como Rádio Social, “espaço de fruição e também como canal de distribuição de conteúdos radiofônicos (musicais e/ou informativos), através da formação de redes de amigos e comunidades virtuais” (p. 427).

Pôde-se verificar, nos registros gravados dos programas dirigidos a ouvintes-idosos, quais outras *funções* de uma comunicação radiofônica: por exemplo, a que mostra um encontro de **fidelidade recíproca e permanente**, que acontece em todos os sábados, e desde ano, ou anos, entre apresentadora/locutora e seu “público idoso”:

“Não lembro bem, mas penso que uns dois ou três anos, por aí.” (Água Boa, 69 anos)

“Desde que começou pela primeira vez, deve de ter uns anos...”
(Ailã, 66 anos)

“Moro aqui há 52 anos, e eu escuto desde que começou o programa.” (Catrimani, 81 anos)

Um tipo de encontro em que uma iniciativa local “face a face” (ou melhor dizendo no presente estudo, “fala-escuta/escuta-fala”), que pôde trazer falas dos idosos que mostram para que lhes vale ter um **espaço para o acolhimento ao que lhes interessa, ou a manifestação do que necessitam dizer** – uma outra função dessa comunicação radiofônica:

“É bom, sempre tem uma novidade, não é essas besteiras do dia a dia.” (Ailã, 66 anos)

“Como eu disse, este é um momento que é do idoso, e mesmo não dando pra falar muito, ela [a locutora do programa] escuta,

e diz também alguma coisa para quem está do outro lado. Então, é importante.” (Ajarani, 72 anos)

A iniciativa de uma rádio voltada ao segmento idoso que, a nosso ver, precisará ser incentivada e apoiada em seus propósitos: na verdade, um programa de rádio em tempo real, resultante de um trabalho cooperativo e colaborativo, ligando apresentador/locutor e ouvintes-idosos, em uma “autoria coletiva e pública”, em um processo comum de “criação conjugada” (SANTAELLA, 2007)¹, e aqui revelados por alguns dos idosos entrevistados, a partir de sua sensibilidade a esse **processo comunicativo de múltiplos sujeitos** — mais uma função da comunicação radiofônica:

“Porque é uma rádio que tem cuidado com as pessoas mais velhas, onde a gente pode ouvir, mas também pode falar, e falar o que quiser mesmo; por exemplo, minha rua estava muito escura, e eu falei isso, sei que não é um programa de denúncia, mas as autoridades também estão escutando.” (Ajarani, 72 anos)

“Veja, eu gosto muito de conversar, e no programa a gente conversa, o tempo é pouco mas dá pra trocar umas ideias.” (Branco, 62 anos).

Expostas as funções desse programa radiofônico criado para/e com idosos, a seguir, seria preciso pensar que tal programa teria que estar fundado em concepções do envelhecimento e velhice que pudessem dar lugar, antes que apenas a um sujeito real, (por exemplo, o apresentador/locutor da rádio), mas a várias posições-sujeito, de múltiplos autores (no nosso caso de vários produtores-idosos), em uma situação transdiscursiva de fala-escuta/escuta-fala, da produção ao vivo das programações.

Seria também importante refletir sobre a questão da **memória** dos idosos. E sobre outros aspectos, ou categorias levantadas neste estudo, como a **sensibilidade** e a **sociabilidade**, e, especialmente em função de nossas hipóteses, sobre a questão da **autonomia** do idoso, e sobre a questão manifesta da **solidariedade intergeracional**.

¹ Nesta investigação sobre a produção de programa radiofônico para/com idosos, *mutatis mutandis*, o referido por Santaella relativamente às produções midiáticas artísticas, como no cinema com seu atual trabalho solidário de equipe e sobre as tendências na net-arte, ciberarte etc., no sub-capítulo “Autorias coletivas e públicas”. Disponível em SANTAELLA, L. (2007, pp. 77-81).

Falando-se em **Memória**, sabe-se que esse conceito é de sentido crucial no caso das pessoas idosas. Crucial, porque, entendida como a propriedade de conservar informações, ela remete em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, nas quais o homem pode ressignificar impressões ou informações passadas, que a ele representem (LE GOFF, 1994).

No decorrer dos anos, o conceito de memória tem passado por mudanças relacionadas à sua função, utilização, e função social. O registro, tido pelos gregos como enfraquecimento da memória, hoje tida como capacidade seletiva do ser envelhecendo, não deixa de ser parte indissociável da sociedade, a memória tantas vezes codificada, em especial, após o surgimento da escrita. Antes do advento da escrita, a supremacia da oralidade se configurava em conteúdos transmitidos na maior parte das vezes mnemonicamente através das gerações, na tentativa da preservação de acontecimentos, perfis de sujeitos, crenças e demais laços identitários constitutivos da memória coletiva e individual de povos e comunidades.

As mensagens discursivas, nas sociedades orais, eram sempre recebidas no mesmo contexto em que eram produzidas. Entretanto, após o surgimento do registro escrito, o texto se separou do contexto vivo em que foram produzidos. É possível ler uma mensagem escrita redigida cinco séculos antes, ou redigida a cinco mil quilômetros de distância – o que não deixa, porém, de ser suscetível a problemas de recepção e interpretação. Para vencer essas dificuldades, algumas mensagens foram então concebidas para preservar o mesmo sentido, qualquer que fosse o contexto (o lugar, a época) de recepção: são as mensagens “universais” (ciências, religiões do livro, direitos do homem etc.). Esta universalidade, adquirida graças à escrita estática, só pôde ter sido constituída, portanto, à custa de uma certa redução ou fixação de sentido: é um universal “totalizante” (LÉVY, 2007).

Nessa direção, de acordo com Bosi (1987/2004), enquanto os historiadores estudam os atores da história à distância, a caracterização que se faz de suas vidas, opiniões, e ações, estará sujeita sempre a ser descrições não tão reais, mas projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando o que poderia ser concebido como "objeto" de estudo em "sujeito", contribui para uma

história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.

Dessa forma, neste estudo, os ouvintes-idosos, ao interagirem com o programa radiofônico, podem mostrar o valor de sua memória que os faz presentificar o que lhes “tocou” durante a vida, tanto em termos subjetivos quanto culturais, fazendo aflorar a criança ou o jovem neles consubstanciado – o que é salutar a uma pessoa idosa, fazendo-a sentir que nela mesma existe ainda – tanto que pode ser trazida à luz - aquela criança ou aquele jovem que sempre foi, e continua assim se sentindo.

Pensando em termos da relação entre **memória** e **cultura**, evoque-se, primeiramente, o valor etimológico dessa última palavra: < latim, *colere*=cultivar, cuidar, criar, tomar conta de – um sentido originário, primordial, que não deixou de subjazer a seus inúmeros empregos na nossa vida cotidiana, e que se liga de forma íntima à memória individual ou coletiva.

Definir a cultura, filosoficamente falando, é dar vez ao explicitado por Chauí (1999, p. 122):

“Cultura é o aprimoramento da natureza humana pela Educação em sentido mais amplo, isto é, como formação das crianças não só pela alfabetização, mas também pela iniciação à vida da coletividade por meio do aprendizado da música, dança, ginástica etc.”.

Definição de teor filosófico, mas bem adequado ao cotidiano humano, passou a valer a partir do século XVIII e, nessa perspectiva, contribuiu para criar uma distinção entre um povo e outro. Na realidade, o que passa a se tornar frequente na vida das pessoas são os hábitos e costumes transmitidos de geração a geração, os aspectos culturais de sua etnia.

Para os europeus, no século XVIII, no campo da agricultura, o termo cultura queria dizer: “o cultivo ou o cuidado de alguma coisa, tal como grão ou animais” (Thompson, 1990).

No final desse mesmo século XVIII, na França e na Inglaterra, a palavra cultura era utilizada para descrever um processo progressivo do

desenvolvimento humano. Por isso, a cultura está intimamente ligada à evolução da humanidade e ao progresso. Thompson (1990) acrescenta que cultura passou a significar, também, o que compõe uma civilização, o que ela produz, com seus rituais, mas que, em um segundo momento, reproduz a relação entre seres humanos em uma sociedade, renovando-se de tempos em tempos, criando, dessa forma, um vínculo entre as pessoas - de uma mesma sociedade, ou não necessariamente. Para falar de cultura, é preciso entender essa palavra não apenas em seu escopo, mas em seus possíveis sentidos; cultura não deixa de ser resultado da conjunção de vários sentidos sobre a condição de uma pessoa (sua cultura individual) ou de uma sociedade (cultura regional ou nacional).

A história oral, consubstanciada como fonte de conteúdos representativos da identidade de um povo – quaisquer sejam suas condições - social, econômica ou política – certifica modos, experiências e sujeitos enquanto sujeitos; traz à tona acontecimentos produzidos em determinado ambiente social e histórico. É certo que no passar destas informações, muito se esvai no fio do esquecimento, e muito se reinventa pela poética da imaginação. Desse modo, no cenário de elementos abrangidos pela história oral, a **memória** se configura como subsídio essencial, já que ela canaliza, reelabora, aviva textos, imagens e sensações dispersos na linha do tempo e ao longo do avanço da **cultura** daquela pessoa ou grupo de pessoas.

Não é sem razão que aspectos tributários à **memória** dos idosos são trazidos, por meio de suas contribuições ao programa radiofônico privilegiado neste estudo:

- ressignificando aspectos de sua própria **cultura**. A cultura entendida aqui, no sentido de Morin (2012 , p. 48) que diz:

(...) é preciso pensar a palavra “cultura” em seu sentido antropológico: uma cultura fornece os conhecimentos, valores, símbolos que orientam e guiam as vidas humanas... de agora em diante deverá ser, para todos, uma preparação para a vida.

Neste caso, uma preparação para a vida com atividades corriqueiras ribeirinhas, ou próprias dos alagadiços amazônicos, a que pertencem os sujeitos desta pesquisa – aspectos culturais tão ricos e significativos para ser “curtidos” pelos que deles partilham, dado que são interlocutores suscetíveis a essa **sensibilização**. Sensibilização que, de idoso a idoso lhes pode favorecer a **sociabilidade**, a um encontro de almas no diálogo entre amigos, vencendo qualquer sentimento de solidão ou abandono, como na fala deste entrevistado:

“Mas é claro! Quando vou pro jogo de dominó, meus parceiros diz: Tu viu o programa de hoje? Então, a gente conversa, às vezes tem uns que não concorda com a opinião do outro, mas é a questão da educação mesmo.” (Ajarani, 72 anos).

Mostra-se o valor da **memória** dos idosos na rapidez e propriedade com que informações são compartilhadas por esses idosos, familiares e amigos, com o programa radiofônico. O programa, por sua vez, atendendo prontamente às demandas específicas (por exemplo, de saúde) dos idosos, promove, assim, uma **troca solidária intergeracional**, nas relações entre idosos e família..., tal como nas seguintes falas:

“Sou muito de ouvir e entender o que é dito. Quando tenho uma dúvida, ligo logo pro programa, e tiro a dúvida.” (Água Boa, 69 anos).

“Sempre participo [do Programa], já fiz sim [sugestão de temas para um novo programa], e fui atendido: um foi sobre falar de direito de ver os netos, porque às vezes quando os filhos se separam parece que os velhos ficam esquecidos e não trazem os netos para visitar os avós; e outra vez foi de falar sobre os estudos para as pessoas idosas.” (Ailã, 66 anos).

Produzir conteúdos midiáticos, como os deste citado programa radiofônico para/com idosos, pensando-se na emancipação desses idosos, da sociedade enfim, não é tarefa muito fácil, principalmente no campo da mídia de massa, permeado quase sempre por um pensamento muito conservador e inflexível, muitas vezes comprometido mais com a publicidade de produtos, com os lucros, com os índices de audiência, e com a “transmissão de engodo cultural” (BIANCHI ; SOUZA; SANTOS; SCHOLZ, 2009, p. 350), do que com o atendimento às demandas mais urgentes dos ouvintes, em suma, com a

educação para o cotidiano de seus ouvintes, com a interação das pessoas umas com as outras no seu dia a dia, conforme a seguinte resposta de um idoso entrevistado:

“[O programa radiofônico) Ajuda muito, provoca transformação na vida dos ouvintes, até porque eu converso com meu povo daquilo que foi no programa.” (Catrimani, 81 anos).

Pode-se dizer que a experiência do programa radiofônico aqui em foco vem alcançando seus objetivos, dado que vem levando os idosos a “*conversar com meu povo daquilo que foi no programa*”, ou seja, levando a encetarem-se discussões, talvez até debates, acerca de temas de interesse, de relevância social; vão se criando assim, orientados pelos pressupostos de uma mídia-educação para o envelhecimento, fundada numa perspectiva gerontológico-social, uma criticidade e uma formação cultural cidadã.

Bianchi, Souza; Santos; Scholz (2009) completam suas afirmações:

Nosso desafio, enquanto agentes transformadores dessa realidade, [deve ser] exatamente nos colocar na contramão desse processo [equivocado de uma mídia voltada para o interesse apenas financeiro], priorizando a produção de saberes científicos, através de um diálogo entre professores universitários, lideranças comunitárias e a sociedade em geral, mediados pelo rádio. Buscamos, por meio desta proposta, possibilitar o acesso a informação de caráter formativo e estabelecer espaços dialógicos com a comunidade, tendo em vista o compromisso com temas de interesse público e relevantes socialmente.

Para os envolvidos com a produção de uma experiência como esta, de um programa radiofônico para/com idosos, pode-se ressaltar que esta tem proporcionado uma aproximação reflexiva maior com a mídia, mas com um olhar crítico, fazendo com que, à medida que se for produzindo os programas com novos conteúdos gerontológicos e culturais, e se dedicando ao estudo teórico dessa temática em nível de mestrado por esta aluna-pesquisadora, possa-se verificar a importância, de não apenas experienciar o diálogo entre conhecimentos acadêmicos e as demandas dos ouvintes-idosos, mas também entender esta proposta como a de uma única instância de informações a esses

idosos, daí sendo preciso continuar criando filtros para uma recepção e recepção críticas.

Neste estudo acredita-se que, tendo suas demandas atendidas, a orientação recebida, um idoso sente, dessa forma, que sua cidadania está sendo respeitada. Sabe-se que, independentemente da idade em que se encontre um sujeito, a **cidadania** é um direito de todos, quando direitos e deveres, seja de qual ordem for: civil, político, religioso, permitem ao cidadão participar ativamente da sociedade e dos movimentos aos quais for optar. Para isso, a cidadania deve envolver todas as pessoas, dando espaço às diferenças, às minorias e aos vulneráveis. É importante ressaltar que todos precisam ter esta compreensão, segundo Moura (1995).

Cidadania é uma relação, não é uma coisa que uma pessoa passa a ter, e outra não. Uma sociedade de cidadãos é uma sociedade de relações democráticas baseadas na igualdade entre as pessoas, conforme aponta o mesmo autor:

[...] O valor da cidadania é algo que vem antes da ação e determina esse agir, impondo uma renúncia à medida que assegura um direito. É aí, na pouca importância ao valor da renúncia, que malogra a construção da cidadania em nossa sociedade (MOURA, 1995).

A cidadania pode ser construída com o desenvolvimento e a vivência pessoal ao longo da vida; as pessoas que exercem as atividades normais da vida, que são participativas, têm uma maior oportunidade de desenvolver sua cidadania, por meio de ações práticas, seja em participação em fóruns de debate, em audiências públicas, em debates em suas comunidades... ou, no presente caso, participando da construção de um programa de rádio.

A idade não é empecilho para a prática da cidadania; ademais, um jovem que desde cedo traz esta participação, como dinâmica em sua vida, tem mais probabilidade de ser no futuro um idoso consciente de seus direitos e deveres.

Goldman (2006) contribui nessa direção, dizendo que

Exercer cidadania é dar condições aos idosos de serem sujeitos de sua história pessoal e de exercerem seus direitos civis, políticos e sociais, também no plano coletivo, de participarem da vida social em todas as suas instituições e movimentos sociais. É importante que se sintam motivados a exercer, de forma mais próxima possível, a cidadania efetiva, que dê qualidade à vida e que lhes assegure viver com dignidade. E todos os espaços públicos e privados são de exercício da cidadania dos idosos; espaços que não se mostram prontos, mas possíveis de serem construídos solidariamente, por jovens e velhos, homens e mulheres, enfim, por toda a sociedade. E as universidades, como já procuramos demonstrar, exercem papel fundamental nesse processo de construção [da cidadania de seus estudantes, mestres] (GOLDMAN, 2006).

Conforme diz Morin (2012), sou, de fato, um cidadão quando me sinto solidário ao outro e responsável com ele, da mesma forma que a mim mesmo; assim é que aprendo a ser cidadão. E o autor alerta que: “Solidariedade e responsabilidade não podem advir de exortações piegas nem de discursos cívicos, mas de um profundo sentimento de filiação (*affiliare*, de *filius*, filho)...” (MORIN, 2012, p. 74). Isso indica que um modo de pensar, de um agir filial, permite unir e solidarizar conhecimentos de uns a demandas de outros, e vice-versa (tal qual se pôde verificar que aconteceu no programa de rádio aqui tratado); capaz de se desdobrar em uma ética de união e de solidariedade entre os homens, favorecendo “o senso da responsabilidade e o da cidadania... consequências existenciais, éticas e cívicas.” (MORIN, 2012, p. 97).

3.2. Considerações sobre Memória, Cultura, Cidadania

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a certas funções específicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1994, p. 423)

A história oral, consubstanciada como fonte de conteúdos representativos da identidade de um povo – quaisquer sejam suas condições - social, econômica ou política – certifica modos, experiências e sujeitos enquanto sujeitos; traz à tona acontecimentos produzidos em determinado

ambiente social e histórico. É certo que, no passar destas informações, muito se esvai no fio do esquecimento, e muito se reinventa pela poética da imaginação. Desse modo, no cenário de elementos abrangidos pela história oral, a memória se configura como subsídio essencial, já que ela canaliza, reelabora, aviva textos, imagens e sensações dispersos na linha do tempo e ao longo do avanço da cultura daquela pessoa ou grupo de pessoas. Não é sem razão que aspectos tributários à memória dos idosos são trazidos, por meio de suas contribuições ao programa radiofônico privilegiado neste estudo: ressignificando-se aspectos de sua própria cultura.

Écleia Bosi (1987/2004) trabalha sob a perspectiva que vê a memória pessoal como detentora de características que levam consigo componentes que também são configuradas e irão participar de uma conformação de uma memória social. Ou seja, ao construir, reconstruir e acionar suas memórias, o indivíduo está também acionando a memória de sua própria sociedade. Memória coletiva e individual apresentam diferentes lógicas e conformações, mas tem em comum um ponto de partida de sua constituição: o que já aconteceu, passou, mas que determinadas ocasiões têm o acionamento solicitado.

Situando a perspectiva adotada no desenvolvimento dos escritos no desenrolar deste trabalho, diz respeito ao sentido vinculado a essas memórias de indivíduos ouvintes de rádio. A vivência dos indivíduos que acompanham detidamente o desenvolvimento de um programa de rádio específico, com programação voltada para ele (ouvinte), traz suas recordações, lembranças, fazem parte de uma memória que é coletiva e que é parte de uma trajetória social, sendo assim, seu acionamento se dá pela memória individual.

Pensando em termos da relação entre memória e cultura, evoque-se, primeiramente, o valor etimológico dessa última palavra: < latim, *colere*=cultivar, cuidar, criar, tomar conta de – um sentido originário, primordial, que não deixou de subjazer a seus inúmeros empregos na nossa vida cotidiana, e que se liga de forma íntima à memória individual ou coletiva.

Definir a cultura, filosoficamente falando, é dar vez ao explicitado por Chauí (1999, p. 122):

(...) é preciso pensar a palavra “cultura” em seu sentido antropológico: uma cultura fornece os conhecimentos, valores, símbolos que orientam e guiam as vidas humanas... de agora em diante deverá ser, para todos, uma preparação para a vida.

Definição de teor filosófico, mas bem adequado ao cotidiano humano, passou a valer a partir do século XVIII e, nessa perspectiva, contribuiu para criar uma distinção entre um povo e outro. Na realidade, o que passa a se tornar frequente na vida das pessoas são os hábitos e costumes transmitidos de geração a geração, os aspectos culturais de sua etnia.

Para os europeus, no século XVIII, no campo da agricultura, o termo cultura queria dizer: “o cultivo ou o cuidado de alguma coisa, tal como grão ou animais” (Thompson, 1990). No final desse mesmo século XVIII, na França e na Inglaterra, a palavra cultura era utilizada para descrever um processo progressivo do desenvolvimento humano. Por isso, a cultura está intimamente ligada à evolução da humanidade e ao progresso. Thompson (1990) acrescenta que cultura passou a significar, também, o que compõe uma civilização, o que ela produz, com seus rituais, mas que, em um segundo momento, reproduz a relação entre seres humanos em uma sociedade, renovando-se de tempos em tempos, criando, dessa forma, um vínculo entre as pessoas - de uma mesma sociedade, ou não necessariamente.

Para falar de cultura, é preciso entender essa palavra não apenas em seu escopo, mas em seus possíveis sentidos; cultura não deixa de ser resultado da conjunção de vários sentidos sobre a condição de uma pessoa (sua cultura individual) ou de uma sociedade (cultura regional ou nacional).

A cidadania tem assumido historicamente múltiplas significações e formas em função dos diferentes contextos culturais. Como afirma Santos (1997, p. 86): cidadania é produto de histórias sociais diferentes. Nela adquire características e dimensões várias em contextos históricos diferentes.

Devido à diversidade de crises pelas quais passa o cenário da mundialização – crise de valores, institucional, de natureza ética, financeira e outras mais, o tema da cidadania plena concebida como o direito a ter direitos, é sempre atual, relevante e controverso. Partindo dessa visão de realidade,

compreendemos a cidadania, enquanto fenômeno social concretizado no cotidiano, inserindo-a na processualidade do mundo, cujas ordens vigentes se constroem e se reconstroem, compõem e se decompõem em várias ordens, em múltiplas direções. Isso tem implicações com a formulação e execução das políticas públicas, com os princípios de justiça social que as informam, com o processo de socialização, na perspectiva do desenvolvimento do indivíduo enquanto cidadão, assim como de suas relações com a esfera pública.

No contexto da multiplicidade de concepções, a cidadania tem se constituído, enquanto conceito ou prática, não somente objeto de estudo das ciências sociais, mas de modo privilegiado, compartilha da discussão da Ética ao tratar da questão dos direitos.

Retrata a história que, no mundo grego, para Platão, são cidadãos todos aqueles que nasceram na pólis, dado que a cidade ideal é aquela na qual os cidadãos cumprem o seu papel. Em Aristóteles, a sociedade não tem o caráter de conseqüência, como em Platão, mas de natureza e onde se tem a natureza, se tem a dimensão política. Cabe ao governo buscar o bem comum, até porque o poder só é legitimado quando formado no consenso dos governados – a felicidade da pólis dependendo da felicidade dos cidadãos. A proposta aristotélica é eliminar a relação vertical de poder, fundamentada na pressuposição de que os iguais se reconhecem como iguais.

O cidadão é, por sua vez, o sujeito da pólis e só o é em suas instituições, em seus costumes da vida comum com outros cidadãos. A pólis é uma comunidade de pessoas que são membros plenos da cidade. O direito de cidadania consiste na participação ativa na administração, na jurisdição e na legislação. A vida política é a forma de vida do cidadão na pólis, que possibilita e garante a liberdade (SANTOS, 1997).

Segundo Moura (1995), a cidadania é uma relação, não é uma coisa que uma pessoa passa a ter, e outra não. Uma sociedade de cidadãos é uma sociedade de relações democráticas baseadas na igualdade entre as pessoas, conforme aponta o mesmo autor:

[...] O valor da cidadania é algo que vem antes da ação e determina esse agir, impondo uma renúncia à medida que assegura um direito. É aí, na pouca importância ao valor da renúncia, que malogra a construção da cidadania em nossa sociedade (MOURA, 1995, p. 133).

A cidadania pode ser construída com o desenvolvimento e a vivência pessoal ao longo da vida; as pessoas que exercem as atividades normais da vida, que são participativas, têm uma maior oportunidade de desenvolver sua cidadania, por meio de ações práticas, seja em participação em fóruns de debate, em audiências públicas, em debates em suas comunidades... ou, no presente caso, participando da construção de um programa de rádio.

A idade não é empecilho para a prática da cidadania; ademais, um jovem que desde cedo traz esta participação, como dinâmica em sua vida, tem mais probabilidade de ser no futuro um idoso consciente de seus direitos e deveres.

Goldman (2006) contribui nessa direção, dizendo que

Exercer cidadania é dar condições aos idosos de serem sujeitos de sua história pessoal e de exercerem seus direitos civis, políticos e sociais, também no plano coletivo, de participarem da vida social em todas as suas instituições e movimentos sociais. É importante que se sintam motivados a exercer, de forma mais próxima possível, a cidadania efetiva, que dê qualidade à vida e que lhes assegure viver com dignidade. E todos os espaços públicos e privados são de exercício da cidadania dos idosos; espaços que não se mostram prontos, mas possíveis de serem construídos solidariamente, por jovens e velhos, homens e mulheres, enfim, por toda a sociedade. E as universidades, como já procuramos demonstrar, exercem papel fundamental nesse processo de construção [da cidadania de seus estudantes, mestres] (GOLDMAN, 2006, p. 129).

Conforme diz Morin (2012), sou, de fato, um cidadão quando me sinto solidário ao outro e responsável com ele, da mesma forma que a mim mesmo; assim é que aprendo a ser cidadão. E o autor alerta que: “Solidariedade e responsabilidade não podem advir de exortações piegas nem de discursos cívicos, mas de um profundo sentimento de filiação (*affiliare, filius* < filho)...”

(MORIN, 2012, p. 74). Isso indica que um modo de pensar, de um agir filial, permite unir e solidarizar conhecimentos de uns a demandas de outros, e vice-versa (tal qual se pôde verificar que aconteceu no programa de rádio aqui tratado); capaz de se desdobrar em uma ética de união e de solidariedade entre os homens, favorecendo “o senso da responsabilidade e o da cidadania... consequências existenciais, éticas e cívicas.” (MORIN, 2012, p. 97).

Neste estudo acredita-se que, tendo suas demandas atendidas, a orientação recebida, um idoso sente, dessa forma, que sua cidadania está sendo respeitada. Sabe-se que, independentemente da idade em que se encontre um sujeito, a **cidadania** é um direito de todos, quando direitos e deveres, seja de qual ordem for: civil, político, religioso, permitem ao cidadão participar ativamente da sociedade e dos movimentos aos quais for optar.

Para isso, a cidadania deve envolver todas as pessoas, dando espaço às diferenças, às minorias e aos vulneráveis. Neste pensar, o sentimento de empoderamento se afirma, dando ao idoso sua vez e voz — a autonomia tão necessária para qualquer vivente.

3.3 Empoderamento, Autonomia e Solidariedade Intergeracional

Um termo da língua inglesa de difícil tradução para o português, *empowerment* = empoderamento, sendo, muitas vezes, traduzido como fortalecimento.

Segundo Vasconcelos (2001), o conceito de empoderamento é o tema central das políticas sociais e de saúde mental na Europa, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, principalmente, a partir dos anos 90. Historicamente, o empoderamento esteve associado a formas alternativas de se trabalharem as realidades sociais, suporte mútuo, formas cooperativas, formas de democracia participativa, autogestão e movimentos sociais autônomos. (VASCONCELOS, 2001). O conceito restrito de empoderamento evoca a noção de que forças ambientais controladoras são a meta final. A educação empoderada ou educação de empoderamento (*empowerment education*) é uma efetiva educação saudável e um modelo preventivo que se focaliza na ação grupal e no diálogo direto dos alvos comunitários, almejando

aumentar a credibilidade das pessoas em sua capacidade em mudar suas próprias vidas (WALLERSTEIN, 1988 *apud* AIRHIHENUWA, 1994). Nesse sentido, empoderamento se insere no campo da Promoção da pessoa humana, como uma estratégia de ganho de saúde, na medida em que se reconhece que sua ausência se constitui como um fator de risco para o adoecimento.

Na sua definição mais geral, empoderamento é definido como “um processo pelo qual indivíduos, comunidades e organizações obtêm controle sobre suas vidas”. Vasconcelos (2001, p. 5) define empoderamento como “o aumento do poder pessoal e coletivo de indivíduos e grupos sociais nas relações interpessoais e institucionais, principalmente daqueles submetidos a relações de opressão e dominação social.” Vários autores que trabalham com o empoderamento se referem a ele como a habilidade de as pessoas conseguirem um entendimento e um controle sobre suas forças pessoais, sociais, econômicas e políticas, para poderem agir de modo a melhorar sua situação de vida (WALLERSTEIN, 1994, *apud* AIRHIHENUWA, 1994; BERNSTEIN, *et al.*, 1994; LABONTE, 1994; THURSZ, 1993).

Segundo Gutierrez (*apud* BERNSTEIN *et al.*, 1994), o significado central do empoderamento está no “ganho de poder”, sendo que poder, neste contexto, traduz a ideia da habilidade de agir e criar mudanças dentro de uma desejada direção. Para discutir o empoderamento, é preciso que se entenda o poder dentro de um relacionamento social, no qual os atores possam usar os recursos de poder pessoal, social e político, para criar mudanças, seja extensivamente no campo da saúde, trabalho social, educação ou psicologia comunitária, quando o conceito deve ter uma conotação de valor baseada na conceituação de poder compartilhado, ao invés do poder sobre o outro.

O rádio tem este poder, na medida em que oferta um espaço aberto dando vez e voz para a participação de indivíduos independentemente de faixa etária, ou social, na sua vasta programação. Isso compreende que o empoderamento deve permitir aos grupos ganhar significado, a fim de mudar sua condição; assim o meio pelo qual as pessoas podem vir a obter este poder, segundo Freire (*apud* BERNSTEIN *et al.*, 1994) nos oferece a resposta para essa indagação, ao responder que é através do desenvolvimento de uma

consciência crítica. Desenvolver uma consciência crítica é um meio crucial de ganhar poder. Uma consciência crítica envolve o entendimento de como as relações de poder na sociedade moldam as experiências e percepções de cada pessoa, e de poder identificar como cada um pode ter um papel dentro de uma mudança social. Isto é particularmente importante para que os indivíduos internalizem crenças sobre sua própria identidade e poder, em potencial. Em relação, ainda, à questão de poder, Labonte (1994) coloca a indagação: “Será que alguém pode dar empoderamento à outra pessoa?”. Ele argumenta que, se o poder é um elemento de relação social, a capacidade de empoderar existe em todas as pessoas, num contexto de teias de relação uns com os outros, atuando como “processo e resultado” (BERNSTEIN *et al.*, 1994, p. 284).

A Gerontologia é a ciência que estuda o envelhecimento, nos seus múltiplos aspectos. Ao fornecer bases teóricas para a construção positiva da velhice tem como meta que a vida tardia seja vivida com o máximo de autonomia e independência.

Pelo fato de se entender o empoderamento como um processo pelo qual as pessoas obtêm controle sobre suas vidas, então, se faz necessário trabalhar com um indicador que venha ao encontro deste processo. Empoderamento é um estado de ter poder, ou seja, de obter as ferramentas necessárias para mover a própria vida na direção que se deseja que ela se mova. Nesse sentido, ele está associado diretamente ao conceito de autonomia. Assim, tem-se o indicador de autonomia, visto a partir do modelo de Autonomia Positiva, desenvolvido por Farinatti (1997).

Para este autor, ao entendermos que saúde não é ausência de doença, devemos entender também que autonomia não é ausência de dependência física. Desse modo, a autonomia é vista sob o prisma da autorrealização, da perspectiva de realização das possibilidades. Na argumentação de Kalache (1997, p. 32), a sociedade sonha com uma população que viva cada vez mais, tendo aspirações que o idoso mantenha sua saúde com autonomia, para o desempenho das funções do dia a dia que o façam independente dentro do seu contato sócio-econômico-cultural. Desse modo, envelhecer sem incapacidades é fundamental para a qualidade de vida. Assim, autonomia e independência

são dois indicadores de saúde e de qualidade de vida, para a população mais velha.

Nesse sentido, o processo de empoderamento se torna relevante para se trabalhar na área do Envelhecimento ou no campo da Promoção de Saúde. Schindler (1999) ressalta que, para se trabalhar com o empoderamento de idosos, é preciso colocá-los como ponto central de um processo de ajuda mútua. E dentro de uma abordagem pós-modernista do empoderamento, em que “todo o fenômeno é significativo e causal somente quando incorporado em um processo psicológico de criação de seu próprio texto e narração”.

Para Schindler (1999: 165), “o processo de empoderamento começa quando a busca (procura) e o sentido (significado) é feito de modo que mais tarde possa se estabelecer um sentido maior na interpretação desse significado”.

Farinatti (1997: 33) conclui que o bem-estar verdadeiro nada mais é do que a “consequência natural do processo de auto-capacitação (empoderamento), da autonomia individual face às circunstâncias da vida”.

Esta é, pois, a recomendação que fica como um alerta aos idosos desta pesquisa: é preciso que o idoso lute para manter sua autonomia e poder ter uma vida com garantia de seu bem-estar.

O rádio, enquanto mídia privilegiada quanto a pouco exigir de manutenção de um ouvinte, pouco exigir de nosso olhar, bastando apenas ter escuta às suas mensagens, um veículo que foi alterando no decorrer das décadas, de acordo com as mudanças econômicas, políticas, tecnológicas e também dos modos de vida e hábitos culturais das diversas camadas sociais, além das mudanças na qualidade desse dispositivo, no conteúdo e formato dos programas e nos números que apontam a interação dos ouvintes (MAGNONI; RODRIGUES, 2013).

A forma de recepção é o que mais marca, a nosso ver, os novos aparelhos tecnológicos, com os ouvintes tendo, de alguns anos para cá, a possibilidade de interagir com a emissora, por vários meios: por uma ligação telefônica, por e-mail, por outras ferramentas da internet, como será explicitado na próxima parte.

IV.A história do rádio

Sabe-se que o rádio revolucionou a comunicação no mundo. Quem viveu numa época em que o jornal impresso e as mensagens radiofônicas eram as únicas vias de comunicação, pode dizer de sua importância, dado que vivenciou seu crescimento e suas mudanças. Foi de 1922 a 1926, que o rádio começou a espalhar-se pela Europa e Ásia: Canadá, Holanda, Alemanha, Suécia, Tchecoslováquia, Dinamarca, Itália, Espanha, Bélgica, Noruega, Austrália, África do Sul, Japão, Argentina e Brasil.

O cientista alemão Heinrich Hertz, no ano de 1887, provou a existência das ondas de rádio. Sete anos depois, o cientista italiano, Guglielmo Marconi, construiu uma antena receptora e captou os sinais de alfabeto Morse transmitido de uma curta distância e o alfabeto Morse passou a ser usado em telegrafia (SILVA, 2009, p. 38).

Marconi, em 1897, ganhou a patente inglesa para o telégrafo sem fio, e, em 1901, transmitiu a primeira mensagem que cruzou o Oceano Atlântico pelas ondas do rádio. Tanto Hertz quanto Marconi sabiam que a radiodifusão descoberta era um recurso a mais da natureza. O rádio e a telegrafia sem fio eram bens comuns e limitados. Com isso, já se teve a certeza de que alguém teria que decidir quem iria ficar com cada frequência, ou seja, cada espaço no dia.

Em 1912, os Estados Unidos criaram a Lei do Rádio, a primeira forma de controlar as licenças para estações de rádio. Em 1920, o engenheiro da companhia norte-americana Westinghouse montou um transmissor radiofônico na garagem de sua casa, dando origem ao rádio como é conhecido até hoje.

Nos dias atuais, as emissoras de rádio vêm acompanhando a evolução tecnológica, com muitas já sendo digitais.

Segundo Milanez (2007), somente em 1920, é que foi registrada, de fato, a primeira emissora com transmissão regular, em East Pittsburgh, na Pensilvânia.

Em 1922 foi ao ar o primeiro comercial do rádio norte-americano. No ano de 1927 foi registrada a primeira transmissão nacional de uma partida de futebol. A época de ouro do rádio nos Estados Unidos foi a dos anos 1920. No ano de 1933 entrou o sistema de frequência modulada (FM), cuja patente foi dada a Edwin Armstrong.

No Brasil, o rádio tornou-se conhecido no dia 07 de setembro de 1922, por ocasião das comemorações do Centenário da Independência. Nesse período foi realizada, na cidade do Rio de Janeiro, uma exposição internacional e a companhia americana Westinghouse apresentou uma emissora de rádio com um transmissor de 500 watts instalado no alto do Corcovado, no Rio de Janeiro.

Na ocasião, por meio de 80 receptores especialmente importados para a ocasião e distribuídos em vários locais da exposição e da cidade, com emprego de autofalantes, alguns componentes da sociedade carioca, que haviam recebido esses aparelhos, puderam ouvir de casa o discurso do Presidente da República, Epitácio Pessoa. Também, durante alguns dias após a inauguração, foram transmitidas óperas diretamente do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Na década de 1920 inauguraram-se muitas emissoras. Na “onda do rádio”, surgem em 1923, as pioneiras: Rádio Clube de Pernambuco (Recife); Rádio Educadora Paulista (São Paulo) e a Rádio Clube do Paraná (Curitiba). No ano de 1924, foram criadas a Rádio Clube do Brasil (Rio de Janeiro); a Rádio Clube de Ribeirão Preto (Ribeirão Preto, SP); a Rádio Sociedade da Bahia (Salvador); a Ceará Clube (Fortaleza) e a Rádio Sociedade Maranhense (São Luís).

No ano de 1925, mais rádios surgem: a Rádio São Paulo e Rádio Record (São Paulo); a Rádio Clube Hertz (Franca, SP); Rádio Gaúcha (Porto Alegre) e a Rádio Pelotense (Pelotas, RS); rádios essas pioneiras que viviam da contribuição de seus associados e doações de entidades privadas.

Mas, a partir do início dos anos 30, o rádio passou por transformações significativas. Principalmente em 1931, quando surge o primeiro documento sobre radiodifusão: o rádio brasileiro já estava autorizado pela legislação a

receber pagamento por veiculação de publicidade comercial, garantindo-se, assim, sua sobrevivência. Com isso, o rádio mudou de rumo e o sentido educativo foi submetido a interesses comerciais.

De acordo com Costela, “para cumprir melhor seu novo papel, o rádio precisou transformar-se. Não poderia mais viver do improvisado administrativo” (COSTELA, 2002, p. 181). A programação passou a ter horário certo. Os programas passaram a ser preparados e previamente organizados, para se conseguir cada vez mais audiências, e aumentar a quantidade de publicidade. Mas o rádio nascia como um meio de elite, não de massa, e se dirigia a quem tivesse poder aquisitivo para buscar no exterior os caros aparelhos receptores. Costela afirma que “ouvir as emissoras tornou-se um *hobby*, uma mania”.

O rádio foi o meio de comunicação de maior alcance no país e, assim como a televisão, uma emissora de rádio só poderia entrar no ar se obtivesse concessão do Governo Federal. Para que isso ocorresse, era preciso vencer a concorrência pública aberta pelo Ministério das Comunicações. A concessão valia por dez anos e era renovável; entretanto, só tinha validade legal após a deliberação do Congresso Nacional.

Para verificar se as rádios eram legalmente instaladas ou se existia algum canal disponível para a utilização, era necessária uma consulta ao Plano Básico de Radiodifusão. Este Plano oferece a relação de canais aprovados pela Agência Nacional de Telecomunicações-Anatel.

Atualmente, a Anatel concentra todas as informações atualizadas na Internet, tais como: processos em andamento, consultas públicas e todas as leis e normatizações referentes ao setor de telecomunicações.

A mídia radiofônica mais especificamente tem sido um dos principais meios de obtenção de informação da sociedade, especialmente dos residentes em regiões mais distantes das grandes metrópoles, atingindo todas as classes socioeconômicas e espaços, público e privado; diante desse contexto, Bianchi; Souza; Santos; Scholz (2009) alertam que é preciso refletir sobre como se dá o processo de integração da mídia no contexto educacional, bem como

estabelecer formas de ensinar e aprender na presença de tais ferramentas tecnológicas e midiáticas.

Estudiosos como Orofino (2005), Belloni (2005; 2008), Fantin (2006), Rivoltella (2007) e Ferrés (1998), têm chamado a atenção, em suas reflexões, para o fato de que, atualmente, crianças e jovens têm mais acesso aos diversos tipos de ferramentas tecnológicas, midiáticas e às informações; alertam, contudo, que são poucos os momentos destinados à qualificação desse grande volume de mensagens a que eles têm acesso. Pode ser que os meios de comunicação sejam tendenciosos e priorizem apenas a veiculação de informações de interesse mais imediato do público ouvinte, sem, por exemplo, pensar nos efeitos acarretadores de tais mensagens, se elas estão adequadas principalmente as que envolvem saúde. Isso requer, de fato, segundo os autores acima, a ocorrência de uma mediação crítica, por parte dos estudiosos, diante dos meios.

Voltando ao que representou costumeiramente uma transmissão radiofônica para a população, pode-se afirmar que uma rádio tem a possibilidade de falar ao público de oito a oitenta anos, sendo capaz de cativar, seduzir seus ouvintes.

É interessante observar que ela pode apenas comunicar, e, para receber a mensagem, basta ouvir o que está sendo transmitido. Não há cobranças a esta condição de escuta da informação, nenhuma exigência ao ouvinte, de escolaridade ou de um nível cultural mais elevado, nem de condição financeira, religiosa ou orientação sexual, pois a transmissão radiofônica se adéqua muito bem a qualquer perfil de ouvinte.

Mas por que não ouvir, de própria voz, as demandas mais específicas de um determinado público? Esta foi uma das perguntas que não se calava diante desta mestrandia. E no caso do segmento idoso, que é via de regra não pensado pelos meios de comunicação? Que teria a pessoa idosa a dizer, diante de um microfone à sua disposição, para lhe dar vez e voz?

4.1. A Rádio FM Monte Roraima

No Estado de Roraima — em cuja capital, Boa Vista, esta pesquisadora reside e atua como comunicadora de programa radiofônico —, atualmente, existem duas estações de rádio AMs, cinco FMs e duas comunitárias, que seguem:

1. Rádio Difusora de Roraima, ZYA, frequência 4.835 KHZz e 1 KW de potência; fundada em 04 de janeiro de 1957;
2. Rádio Equatorial, FM, inaugurada em 06 de junho de 1981, frequência 93,3 MHz;
3. Rádio Tropical, FM, inaugurada em 28 de novembro de 1988, frequência 94,1 MHz;
4. Rádio Monte Roraima, FM, inaugurada em 29 de dezembro de 2002, frequência 107,9 MHz;
5. Rádio Folha, AM, inaugurada em 23 de outubro de 2003, frequência 102,0 MHz;
6. Rádio Transamérica, inaugurada em outubro de 2006, frequência 94,9 MHz;
7. Rádio Comunitária de Iracema;
8. Rádio Comunitária de Mucajaí;
9. Rádio Astral FM, de Rorainópolis.

A FM Monte Roraima, onde se sedia o Programa apresentado por esta pesquisadora, pertence à Razão Social Fundação Educativa Cultural José Allamano, licenciada pela Portaria Ministerial n.º 289, de 09/12/1998, publicada no Diário Oficial da União n.º 238, do dia 11/12/1998. Em 1998, o Congresso Nacional decretou no Artigo 1º, a aprovação de funcionamento desta rádio, nos seguintes termos:

Fica aprovado o Ato a que se refere a Portaria n.º 289, de 09 de dezembro de 1998, que outorga permissão à Fundação Educativa Cultural José Allamano para executar, por dez anos, sem direito de exclusividade, serviço de radiodifusão sonora

em frequência modulada, com fins exclusivamente educativos, na cidade de Boa Vista, Estado de Roraima. Senado Federal, 29 de agosto de 2001. Senador Edison Lobão. Presidente do Senado Federal (Interino) (BRASIL, 1998).

A Rádio FM Monte Roraima entrou no ar, em fase experimental, no dia 02 de dezembro de 2002. A inauguração oficial foi no dia 29 de dezembro de 2002. Por ter como concessão “Educação e Cultura”, a rádio tem em sua programação diária, mais de 40 programas de vários gêneros radiofônicos: programas musicais (MPB, regionais e nacionais), religiosos, jornalísticos (noticiários), variedade (entretenimento), esportivos, direitos humanos, e espaço para os povos indígenas com programa específico (SILVA, 2009, p. 51).

A Rádio FM Monte Roraima, opera na frequência modulada 107,9 MHz, É a única emissora católica do Estado e outorgada à Diocese pelo Ministério da Educação e Cultura e gerida pela Fundação Educativa Cultural José Allamano; atualmente fica localizada na Av. Floriano Peixoto, 149, Centro, Boa Vista, Roraima.

4.2. O rádio como espaço cultural: o despertar da pesquisa

Esta pesquisadora — observando a programação de uma rádio local no município de Boa Vista, especificamente a Rádio FM Monte Roraima —, como boa ouvinte, percebeu que esta não oferecia um conteúdo voltado para as pessoas idosas, no atendimento de suas demandas pessoais; algo em que o protagonismo dos longevos pudesse ser talvez a meta; e a participação viva e direta fosse a atuação de cada idoso que viesse a sintonizar a frequência FM 107,9Mz.

Nesse contexto, surgiu a ideia de elaborar um programa específico para este público, a partir de uma proposta dentro do que se pensa como mídia-educação; assim, esta pesquisadora apresentou, à direção dessa rádio local, o Projeto intitulado “Viva Bem com Jô Nascimento”, cuja acolhida foi imediata,

tendo como dia definido para ir ao ar, e ao vivo, o sábado, no horário das 06h15 às 07h00 da manhã.

A proposta *a priori* teve o interesse de promover ações colaborativas entre o programa dirigido por esta estudiosa do envelhecimento e a comunidade de Boa Vista, estado de Roraima e regiões fronteiras. Por meio da produção desse programa radiofônico e da veiculação de conteúdos, com caráter informativo, benéficos aos ouvintes, poderia ser possível proporcionar a interação dos conhecimentos obtidos na universidade, com as necessidades de informações dos idosos-ouvintes, sempre pensando em sua emancipação como sujeitos.

Dessa forma, passaram a ser levados ao ar temas sobre saúde, cultura, lazer, orientação sobre direitos dos idosos, aspectos de sua cidadania, músicas, quando então ocorreu uma surpresa, pois a participação no Programa em tempo real, por meio de telefonemas, causou um alvoroço na cidade, o que foi tornando a programação cada vez mais dinâmica, mais participativa, e com uma proximidade cada vez maior à realidade dos ouvintes e da comunidade.

O programa, com início em 2011, teve uma pequena pausa durante seu percurso (devido a problemas de saúde de sua apresentadora), mas, logo em seguida, deu continuidade à sua proposta de levar informação com qualidade a um público ainda não contemplado em nenhuma outra programação específica.

Os idosos apresentam, notadamente, características que os diferem daqueles das demais faixas etárias: afinal, foram eles que acompanharam o surgimento e a difusão do rádio, seu período de crescimento, e a evolução da informação, juntamente aos folhetos impressos e, só mais tarde, é que chegaram os diversos tipos de jornais a cidades distantes das grandes metrópoles. Portanto, este é um público muito especial, que conhece, antes que as demais gerações, o percurso da mídia rádio, tem gosto em ouvir rádio enquanto desenvolve outras atividades, e pode fazer de uma programação específica do envelhecimento seu espaço de socialização de ideias, de busca de informações, enfim, um espaço todo seu.

4.3. Descrição do Programa “Viva Bem com Jô Nascimento”

Por ter a rádio uma grande potencialidade em sua abrangência, a programação levada ao ar por esta pesquisadora se estende a todos os 15 municípios que compõem o estado de Roraima, sendo eles: (1) Alto Alegre; (2) Amajari; (3) Boa Vista, a capital; (4) Bonfim; (5) Cantá; (6) Caracará; (7) Caroebe; (8) Iracema; (9) Mucajaí; (10) Normandia; (11) Pacaraima; (12) Rorainópolis; (13) São João da Baliza; (14) São Luiz; (15) Uiramutã.

A rádio Monte Roraima FM 107,9 é a primeira rádio educativa de Roraima, destacando-se ela das demais, pela participação simultânea em duas redes de rádio, uma na Amazônia Brasileira, a Rede de Notícias da Amazônia, que recebe e veicula notícias locais em uma rede composta por doze emissoras. Compõe também a maior rede de rádios do Brasil, a rede Católica de Rádio, com mais de 190 emissoras interligadas, veiculando também notícias regionais, na rádio-jornal produzida pela rádio Aparecida.

Pertencente à Fundação José Allamano, ligada a Diocese de Roraima, a rádio foi ao ar em caráter experimental em 02 de dezembro de 2002, e oficialmente inaugurada a 29 de dezembro do mesmo ano.

O programa Viva Bem “com Jô Nascimento”, na Rádio FM Monte Roraima, acontece desde 2011, no horário das 06h15 às 07h00 da manhã, aos sábados, oferecendo a oportunidade de os ouvintes-idosos telefonarem e, em tempo real, participarem ativamente da produção do programa.

Ao elaborar um trabalho deste porte, de relatar a experiência de ser este o único programa radiofônico do Norte do Brasil voltado diretamente aos idosos, faz-nos levantar questionamentos relativos a questões como a memória midiática e explorar temas pertinentes e de interesse de uma comunidade idosa. Está se tratando aqui não do simples acionamento de uma lembrança marcante, mas das marcas de um forte relacionamento histórico e vital com o midiático, que possibilita aos ouvintes desenvolver a capacidade de estabelecer relações, de realizar comparações, de configurar competências radiofônicas e matrizes de gosto, fazendo com que passado e presente de referências midiáticas possam dialogar entre si. É o resgate/desenvolvimento

da história de vida radiofônica de cada um dos indivíduos envolvidos, e que tem o seu valor também como história midiática, pois é vivenciada pelos ouvintes, estando inscrita em suas memórias, e sendo parte de toda uma experiência vivida com o universo midiático.

A orientação para a seleção dos entrevistados desta pesquisa teve o intuito de estabelecer um registro da participação direta de idosos em uma programação radiofônica, da forma como emergiam, em sua memória, dados de ordem familiar, grupal, social, ou pessoal, relatados livremente ao solicitarem uma música, ou ao opinarem sobre um dos temas musicais ou gerontológicos, apresentados naquele momento.

Decidida, a opção pelas entrevistas com idosos participantes do programa radiofônico, como instrumento metodológico deste estudo, estas foram realizadas presencialmente, sendo os nomes reais preservados, e substituídos por nomes fictícios, resguardando-se, assim, as identidades desses sujeitos.

V. RESULTADOS

Após a sistematização das falas dos entrevistados para a operação de codificação, foram identificados alguns núcleos de sentido, sendo em seguida, os dados organizados e agrupados em **categorias** como as seguintes:

1. Sentimento dos entrevistados quanto ao valor/relevância de terem um espaço para sua escuta e serem atendidas suas solicitações

Isso se manifestou em fragmentos das falas dos entrevistados, que têm no Programa radiofônico a possibilidade de tirarem suas dúvidas sobre uma multiplicidade de questões: de saúde, jurídicas, etc., inclusive até a marcação de consultas com médicos, dentre outras:

“Sou muito de ouvir e entender o que é dito. Se tenho uma dúvida, ligo logo pro programa, e tiro a dúvida.” (Ailã, 66 a.)

“Já participei algumas vezes, inclusive consequi até uma marcação de consulta, você acredita?” (Ailã, 66 a.)

“Porque é uma rádio que tem cuidado com as pessoas mais velhas, onde a gente pode ouvir, mas também pode falar, e falar o que quiser mesmo; por exemplo, minha rua estava muito escura, e eu falei isso, sei que não é um programa de denúncia, mas as autoridades também estão escutando.” (Ajarani, 72 a.)

2. Sentimento dos entrevistados quanto a uma transformação em suas vidas, após se tornarem ouvintes, ou participantes em tempo real do Programa, conforme os seguintes dizeres:

“Só provoca! [mudanças em suas vidas]. Quem escuta se informa, e informação é tudo, né?” (Ailã, 66 a.)

“Sim, porque depois que se escuta o certo, fica mais fácil de tudo, até de buscar ajuda.” (Alaláú, 76 a.)

“Mas é claro; quando vou pro jogo de dominó, meus parceiros diz: Tu viu o programa de hoje? Então, a gente conversa, às vezes tem uns que não concorda com a opinião do outro, mas é a questão da educação mesmo.” (Ajarani, 72 a.)

3. Sentimento dos entrevistados quanto à livre possibilidade de diálogo via rádio, independentemente de tema, na relação com a locutora do Programa:

“Como eu disse, este é um momento que é do idoso, e mesmo não dando pra falar muito, ela escuta, e diz também alguma coisa para quem está do outro lado. Então, é importante falar.” (Água Boa, 60 a.)

“O que o povo precisa é saber, saber o que tá se passando, onde buscar ajuda, então, isso é ouvido no Programa.” (Água Boa, 60 a.)

“É muito importante ter com quem conversar; como sou solteira, encontro neste programa uma maneira de bater um papo bom.” (Amajari, 66 a.)

4. Vínculo social positivo manifesto por alguns entrevistados, quando se percebem como atores de sua vida, e a partir daí, conquistam um lugar mais respeitado no cenário familiar e social, promovendo sua qualidade de vida, como nos seguintes dizeres:

“... ele [o Programa] chegou numa boa hora, tava meio depressiva, até tomando remédio pra solidão.” (Amajari, 66 a.)

“Devo até agradecer a existência deste Programa; quando perdi minha mãe, fiquei sem querer conversar com ninguém, fiquei isolada, então comecei a ouvir o Programa, e um dia teve um tema sobre a morte, eu nunca tinha ouvido alguém falar aquilo.” (Itapará, 61 a.)

“Encontro, eu escuto, às vezes, coisas que, depois, vou pensar naquilo.” (Caranã, 78 a.)

5. Abertura de contato social com pessoas ou redes, que até então não faziam parte da rede social daquele idoso, muitas vezes uma pessoa que se mantinha em solidão durante todo o dia:

“Sempre participo, já fiz sim, e fui atendido: um foi sobre falar de direito de ver os netos, porque às vezes quando os filhos se separam, parece que os velhos ficam esquecidos, e não trazem os netos para visitar os avós; e outra vez foi de falar sobre os estudos para as pessoas idosas.” (Ailã, 66 a.)

“Tenho o costume de acordar muito cedo, vou cuidar dos bichos [galinhas], já passo, e ligo logo o rádio. Às vezes, eu fico o dia todo com ele ligado, é a minha companhia mesmo, pois vai saindo todo mundo pra trabalhar. Eu não gosto de ir pra

casa de ninguém, ele é meu amigo. Um dia ele quebrou, foi horrível, mas no outro mês eu comprei outro.” (Alaláú, 76 a.)

“Porque a conversa com as pessoas é importante, outras pessoas estão também escutando a gente, quando estamos falando. Veja, eu gosto muito de conversar, e no Programa a gente conversa, o tempo é pouco, mas dá pra trocar umas ideias.” (Branco, 62 a.)

“Ajuda muito, até porque eu converso com meu povo daquilo que foi no Programa.” (Catrimani, 81 a.)

“Às vezes, quando meu neto tá em casa, ele me ajuda, e eu falo, sempre consigo falar com a Jô.”

6. Bons efeitos nos ouvintes-idosos trazidos pela Programação radiofônica dirigida diretamente a eles:

“É muito bom ouvir as músicas e a programação.” (Xeruini, 68 a.)

“Ela nos dá boas informações.” (Tacutu, 61 a.)

“Porque eu ligo logo cedo e já começo ouvindo o Programa...” (Surumu, 78 a.)

As categorias aqui elencadas e depreendidas dos dados de entrevista com os 16 idosos confirmam os sentimentos desses idosos-ouvintes da rádio de Boa Vista, sobre o quanto uma intervenção radiofônica pode ter efeitos positivos sobre os ouvintes.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de investigar, como etapa metodológica desta pesquisa de mestrado, quais espaços havia, em termos de uma programação radiofônica voltada especificamente ao público idoso, para tratar de problemáticas pertinentes ao envelhecimento e à velhice, de fato, foi desalentador, não nos trazendo resultados positivos, dado que esse trabalho ainda é praticamente inexistente no Brasil. Escapa a isso, o trabalho desenvolvido por esta mestranda em rádio de Boa Vista, Roraima, e aqui descrito.

Mas ao tempo que a pesquisa foi avançando, atestando faltas como a mencionada acima, foram-me ficando cada vez maiores os questionamentos, as dúvidas, os anseios sobre meu trabalho realizado no Mestrado.

A cada leitura das referências indicadas, surgia outra “ideia”: perceber que abrir as gavetas da memória poderia ser similar a abrir a gaveta de lembranças não por acaso adormecidas, é revisitar a vida, não é realmente uma tarefa fácil, exigindo certa destreza e coragem, como certamente bem o disse Bachelard (1997).

Dá até para afirmar que o desafio de meu trabalho se assemelhou a chegar em um “lugar” programado, mas sem previsão do que seria encontrado no decorrer do caminho — na verdade, “uma viagem”. Buscar o rádio e sua valiosa contribuição à sociedade, e falar de um público específico, o do segmento idoso, é fazer resgate de histórias, é descobrir o quanto o idoso tem de demandas às quais não basta dar voz, mas mais que isso, é preciso assumir a responsabilidade de encaminhar suas demandas, responder adequadamente às suas perguntas...

Não basta provocar, dar voz ao idoso; é preciso solucionar ou encaminhar para uma solução a seus pedidos, a suas necessidades.

Foi possível identificar, nos dizeres dos idosos durante a entrevista, que os objetivos propostos nesta pesquisa estavam sendo atingidos. Assim, valeu muito a pena a idealização e a implementação da programação radiofônica para os idosos, em razão dos efeitos/ressonâncias positivas que a apresentadora vem obtendo desde 2011, cada vez com um público mais cativo, mais participante. O objetivo proposto de possibilitar a participação do ouvinte-idoso de modo direto e em tempo real, a fim de interagir com o programa

radiofônico e receber resposta às suas dúvidas, está sendo atingido, conforme os próprios entrevistados revelaram em suas falas.

Quando ao objetivo de “Introduzir a discussão conceitual da educação midiática para o envelhecimento, por meio de rádio, discutindo seus efeitos em uma comunidade”, pode-se afirmar que esse é um tema que precisa continuar a ser divulgado, no sentido de trazer mais pesquisadores para pesquisas dessa modalidade. A educação para o envelhecimento precisa receber o foco, especialmente da mídia radiofônica, a nosso ver, o veículo ideal para fazer chegar aos mais distantes rincões do Brasil as discussões que, ultimamente, vêm sendo veiculadas via Portais do Envelhecimento. Mas para regiões ainda sem internet, ou com acesso dificultado, o rádio ainda é a melhor saída.

Quanto ao objetivo de “Explicitar como a programação radiofônica pode promover a discussão e participação dos ouvintes idosos, conduzindo-os a serem como co-produtores de um programa de rádio”, a nosso ver, muitos dos idosos entrevistados já se dizem protagonistas do saber gerontológico, dado que se assumem como co-produtores, sugerindo pautas para serem trabalhadas, podendo, dessa forma, colaborar para que alguns temas possam ser previamente preparados. O objetivo “Propiciar que os ouvintes idosos da rádio possam receber respostas às suas indagações sobre as problemáticas que vivenciam, recrudescendo o diálogo intergeracional” pôde ser também atestado quanto a ter sido atingido: ouvir as respostas às dúvidas sobre a problemática do idoso passa a ser motivo de conversa entre amigos, entre familiares, promovendo, assim, mais conversa na família, incrementando-se o diálogo intergeracional, com o filho dialogando com o pai, a neta com o avô e assim por diante.

É nessa linha que se pode *“pegar das gavetas do itinerário de vida do idoso, as ressonâncias de sua memória, reconstruções infindáveis de momentos vividos por esse ouvinte-idoso, trechos da vida descortinados pelas lembranças e por que não dizer, da imaginação... Pontue-se, aqui que a imaginação, contudo, não limita ou diminui a construção da história, pelo contrário, dá um colorido especial unindo passado e presente em um só momento... sintonizar a rádio naquele momento, naquele Programa e simplesmente participar, não deixa de ser fantástico aos ouvintes-idosos, tal como tantos deles o testemunham. Por outro lado, o comunicador que*

compartilha destas peripécias, através de sua narrativa, conduz o Programa, também sendo partícipe dessa “viagem”, quando leva ao ar uma música saudosista, ao ler um poema, ou desenvolver um tema, justamente aquilo que quem está do outro lado precisava ouvir”.

A presente pesquisa de mestrado é um relato de experiência pessoal em um programa radiofônico, consolidado em seu funcionamento desde 2011. É preciso reiterar que *o rádio é um companheiro inseparável para muitos, um instrumento de evasão da solidão, um noticiador que estabelece uma relação no cotidiano da vida dos que o escutam e se relacionam com ele, numa relação de amizade e é neste sentido que o Programa “Viva Bem com Jô Nascimento” oferta a seus ouvintes toda uma possibilidade de diálogo vivo entre as pessoas.*

A mídia radiofônica mais especificamente tem sido um dos principais meios de obtenção de informação da sociedade, especialmente dos residentes em regiões muito distantes das grandes metrópoles, atingindo todas as classes socioeconômicas e os espaços público e privado.

Uma rádio tem a possibilidade de falar ao público de oito a oitenta anos, sendo capaz de cativar, seduzir seus ouvintes. É interessante observar que ela pode apenas comunicar, e, para receber a mensagem, basta ouvir o que está sendo transmitido. Não há cobranças a esta condição de escuta da informação, nenhuma exigência ao ouvinte, de escolaridade, ou de um nível cultural mais elevado, nem de condição financeira, religiosa ou orientação sexual, pois a transmissão radiofônica se adéqua muito bem a qualquer perfil de ouvinte.

Ao longo deste estudo, a contribuição da pesquisa qualitativa tornou-se crucial para a investigação das ações propostas neste trabalho, ao analisar a oferta de um programa específico para o segmento longo e ver que ele pode contribuir para a dinâmica de vida dos que o escutam e, assim, ser ponte de informação, certamente de socialização, no espaço em que estão inseridos esses idosos.

As falas analisadas comprovam que é possível envelhecer com autonomia, esta entendida aqui como empoderamento “de si”, por meio de práticas como estas de intervenção midiática com o outro.

Destaque-se, ainda, que dado que se atestou a insuficiência de programas radiofônicos destinados às pessoas idosas; isso nos faz ganhar entusiasmo para saber que estamos no caminho certo. Não restam dúvidas de que se trata de um evento de relevância e apoio social, de companhia, e de troca, de resgate de memória, tudo ficando estabelecido por meio de uma oferta programática, cujo sentido confirma-se nas ondas sonoras do rádio, entre ouvinte e comunicador.

A contribuição deste trabalho é o desejo de que a proposta aqui descrita seja defendida por outras pessoas, pesquisadores e estudiosos, grupos e rádios, mundo afora, que se estabeleçam novas estratégias de serviços, o que contribuirá para uma boa intervenção nos problemas suscitados pelo envelhecimento e pelo fenômeno da longevidade, permitindo, assim, uma qualidade de vida melhor, uma velhice de troca entre os idosos. O que é o desejo de todos nós!

VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIRHIHENUWA, C. O. Health Promotion and the Discourse on Culture: Implications for Empowerment. *In: Health Education Quarterly*, (Special issue. Community empowerment, participatory education and health – Part II), v. 21,3: 345-354.
- BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo (SP): Edições 70, 1979/2011.
- BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. Trad.: Maria Helena Franco Monteiro. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação. Polêmicas do nosso tempo**. (2ª ed.). Campinas, SP: Autores Associados, 2005/2008.
- BIANCHI, P.; SOUZA, N. S. de; SANTOS, V. C. F. dos; SCHOLZ, D. C. Relato de experiência em mídia-educação: produção de um programa de rádio em Uruguaiana/RS. **Motrivivência**, Ano XXI, n.ºs 32/33, pp. 344-351, 2009. Recuperado em 10 março, 2017, de: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2009n32-33p344/14130>.
- BLEGER, J. **Temas de Psicologia: entrevistas e grupos**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1993.

- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos**. Lisboa, Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos**. São Paulo: EDUSP, 1987/2004.
- BRASIL, Lei n.º 10.741, de 01 de outubro de 2003. Lex: **Estatuto do Idoso**, Brasília, DF, 2003.
- CALABRE, L. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- CAMARANO, A. A. **Envelhecimento da População Brasileira: Uma Contribuição Demográfica**, 2002. Disponível em: http://desafios2.ipea.gov.br/pub/td/2002/td_0858.pdf/. Acesso: 17/11/2017.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo, SP: Ática, 1999.
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de privatização do envelhecimento**. São Paulo, SP: Edusp/Fapesp, 1999.
- FANTIN, M. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.
- FERRARETTO, L. A. **Rádio, o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.
- KALACHE, A. Uma política para o bem-envelhecer. [Entrevista a Neldson Marcolin]. **Pesquisa Fapesp**, 145, março de 2008, pp. 18-19. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2008/03/01/uma-politica-para-o-bem-envelhecer/>. Acesso em 01/10/2016.
- KISCHINHEVSKY, M. **Rádio social: mapeando novas práticas interacionais sonoras**, 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/12323/8262>. Acesso em 01 dezembro, 2015.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1994.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo, SP: Editora 34, 2007.
- LODOVICI, F. M. M.; SILVEIRA, N. D. S. Interdisciplinaridade: desafios na construção do conhecimento gerontológico. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento**, Porto Alegre, ano16, n.2, 2011, pp. 291-306. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/24814>. Acesso em 16/03/2015.
- MAGNONI, A. F.; RODRIGUES, K. De C. **O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação: contextos, produção e consumo**, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/o-radio-e-a-adaptacao-a-nova-era-das-tecnologias-da-comunicacao-e-informacao-contextos-producao-e-consumo>. Acesso em 01 fevereiro, 2016.
- MESSY, J. **A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice**. Trad.: José de Souza e Mello Werneck. (2ª ed.). São Paulo, SP: Aleph, 1999.
- MILANEZ, L. *Rádio MEC Herança de um sonho*. Rio de Janeiro, RJ: ACERP: 2007.

MINAYO, M. C. S. de. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa.** (8ª ed.). São Paulo (SP): Hucitec Abrasco, 2010.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Trad.: Eloá Jacobina. (20ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2012.

MUCIDA, Â. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

SANTAELLA, L. Autorias coletivas e públicas. *In:* _____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo, SP: Paulus, 2007.

SOUSA, M.; BAPTISTA, C. **Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios, segundo Bolonha.** Lisboa, Portugal: Pactor, 2011.

VASCONCELOS, E. M. A proposta de *empowerment* e sua complexidade: uma revisão histórica na perspectiva do Serviço Social e da saúde mental". *In:* **Revista Serviço Social & Sociedade: seguridade social e cidadania.** Ano XXII; 65: 5-53, 2001.

VIII. ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Neste ato, eu _____, nacionalidade brasileiro (a), estado civil _____ portador da Cédula de Identidade _____ SSP/_____ e CPF sob n.º _____, residente á Av/rua _____, nº _____, bairro _____ Município de _____ Roraima, Brasil. AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizada em ato institucional promovido para fins de pesquisa científica, destinada ao campo de concentração na área da Gerontologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, desenvolvida pela pesquisadora **Joseilda do Nascimento Bezerra**. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada, onde tenho conhecimento, que, o resultado desta pesquisa busca entender melhor a contribuição dos trabalhos direcionados aos idosos, no sentido da promoção da melhoria da qualidade de vida e autonomia. Declaro, ainda, estar ciente de que esta pesquisa constará da aplicação de entrevistas, que serão lidas e preenchidas pela pesquisadora, e de minha participação no estúdio do programa do rádio como colaborador/fornecedor das respostas. Ainda: Que a minha participação não acarretará risco para minha saúde; Que as informações prestadas por mim serão classificadas como confidenciais; Que ao estudo interessam as respostas obtidas nas entrevistas, sem a identificação individual, preservando minha privacidade; e finalmente, Que minha participação será voluntária e que estarei, à vontade, para pedir esclarecimento e para me retirar do estudo, em qualquer fase, sem que isso implique em qualquer dano, custo ou penalização à minha pessoa. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro ônus ou bônus de ambas as partes, e **assino a presente autorização em 2 vias de igual teor e forma.**

Boa Vista, RR, _____ de _____ de 2017.

Assinatura

ANEXO II**FICHA DE DADOS DOS ENTREVISTADOS**

Nome do entrevistado:

Data:_____ Idade: _____ Estado Civil: _____

Escolaridade:_____

Bairro:_____ Fonte de Renda: _____ Mora com familiar?_____

ENTREVISTAS

1. Por que o(a) senhor(a) sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 horas da manhã de todo sábado?
2. Qual a motivação pela qual o(a) senhor(a) ouve o Programa “Viva Bem” com Jô Nascimento, na Rádio FM Monte Roraima?
3. Há quanto tempo o(a) senhor(a) é ouvinte do Programa?
4. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?
5. Por meio da participação, o(a) senhor(a) faz sugestão de temas para os próximos programas?
6. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

ANEXO III

QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Ordem	Nome Fictício	Idade	Estado Civil	Sexo
1	Ailã	66 anos	Viúvo	M
2	Água Boa	69 anos	Viúvo	M
3	Ajarani	72 anos	Viúvo	M
4.	Alalaú	76 anos	Separado	M
5	Amajari	66 anos	Solteira	F
6	Rio Branco	62 anos	Casado	M
7	Catrimani	81 anos	Casado	M
8	Cauamé	60 anos	Casado	M
9	Itapará	61 anos	Casada	F
10	Mucajaí	74 anos	Casada	F
11	Maú	79 anos	Casado	M
12	Parimé	68 anos	Separado	M
13	Surumu	78 anos	Viúva	F
14	Tacutu	61 anos	Separado	M
15	Uraricuera	82 anos	Casado	M
16	Xeruini	68 anos	Solteiro	M

ANEXO IV

FICHA DE TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

FICHA DE ENTREVISTA 1

Entrevistado: Ailã

Data da entrevista: 03/09/2016

Idade: 66 a.

Estado civil: viúvo

Bairro: Pricumã

Escolaridade: Superior

Fonte de Renda: Aposentado do ex-território de Roraima

Mora com familiar: sozinho.

1. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã de todo sábado?

Resp.: *Acordo muito cedo devido o costume do trabalho.*

2. Qual a motivação pela qual o(a) senhor(a) ouve o Programa “Viva Bem”, com Jô Nascimento, na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: *É bom, sempre tem uma novidade, não é essas besteiras do dia a dia.*

1. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: *Não lembro bem, mas penso que uns dois ou três anos, por aí.*

2. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: *Sou muito de ouvir e entender o que é dito. Se tenho uma dúvida, ligo logo pro programa, e tiro a dúvida.*

3. Por meio da participação, o(a) senhor(a) faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: *Já participei algumas vezes, inclusive consegui até uma marcação de consulta, você acredita?*

4. Há quanto tempo o(a) senhor(a) é ouvinte do Programa?

Resp.: *Desde que começou pela primeira vez, deve de ter uns bons anos...*

5. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: *Os assuntos sempre têm a ver com os idosos, tem vez que precisava de mais tempo, quando o assunto é bem importante.*

6. Por meio da participação, o(a) senhor(a) faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: *Sempre participo, já fiz sim, e fui atendido: um foi sobre falar de direito de ver os netos, porque às vezes quando os filhos se separam parece que os*

velhos ficam esquecidos e não trazem os netos para visitar os avós; e outra vez foi de falar sobre os estudos para as pessoas idosas.

7. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: *Só provoca! Quem escuta se informa, e informação é tudo, né?*

FICHA DE ENTREVISTA 2

Entrevistado: Água Boa

Data da entrevista: 03/09/2016

Idade: 69 a.

Estado civil: viúvo

Bairro: Liberdade

Escolaridade: 2º grau incompleto

Fonte de renda: aposentado

Mora com familiar? sozinho

4. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã de todo o sábado?

Resp.: *Sou católico, e a programação da rádio é muito boa, tem bons programas, orações.*

5. Qual a motivação pela qual o(a) senhor(a) ouve o Programa “Viva Bem” com Jô Nascimento, na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: *Todo sábado tem um tema diferente, também gosto das músicas, faz lembrar os tempos da juventude, as músicas de hoje não têm sentido.*

6. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: *Não lembro bem, mas penso que uns dois ou três anos, por aí.*

7. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: *Sou muito de ouvir e entender o que é dito. Quando tenho uma dúvida, ligo logo pro programa, e tiro a dúvida.*

8. Por meio da participação, o(a) senhor(a) faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: *Já participei algumas vezes, inclusive consegui até uma marcação de consulta, você acredita?*

9. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: *O que o povo precisa é saber, saber o que tá se passando, onde buscar ajuda, então, isso é ouvido no programa.*

FICHA DE ENTREVISTA 3

Entrevistado: Ajarani

Data da entrevista: 17/09/2016

Idade: 72 a.

Estado civil: viúvo

Bairro: Caranã

Escolaridade: primário

Fonte de Renda: aposentado

Mora com familiar? sim

1. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã de todo sábado?

Resp.: *Porque é uma rádio que tem cuidado com as pessoas mais velhas, onde a gente pode ouvir, mas também pode falar, e falar o que quiser mesmo; por exemplo, minha rua estava muito escura, e eu falei isso, sei que não é um programa de denúncia, mas as autoridades também estão escutando.*

2. Qual a motivação pela qual o(a) senhor(a) ouve o Programa “Viva Bem”, com Jô Nascimento, na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: *Como eu disse, este é um momento que é do idoso, e mesmo não dando pra falar muito, ela escuta, e diz também alguma coisa para quem está do outro lado. Então, é importante.*

3. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: *Deve ter alguns anos.*

4. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: *Sim, tiro sempre proveito dos programas.*

5. Por meio da participação, o(a) senhor(a) faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: *Nunca fiz pedido de assunto, porque sempre tem uma novidade, até entrevista também.*

6. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: *Mas é claro; quando vou pro jogo de dominó, meus parceiros diz: Tu viu o programa de hoje? Então, a gente conversa, às vezes tem uns que não concorda com a opinião do outro, mas é a questão da educação mesmo.*

FICHA DE ENTREVISTA 4

Entrevistado: Alalaú

Data da entrevista: 17/09/2016

Idade: 76 a.

Estado civil: separado

Bairro: Treze de Setembro

Escolaridade: primário

Fonte de renda: aposentado

Mora com familiar: sim

1. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã de todo sábado?

Resp.: *Tenho o costume de acordar muito cedo, vou cuidar dos bichos (galinhas), já passo e ligo logo o rádio. Às vezes, eu fico o dia todo com ele ligado, é a minha companhia mesmo, pois vai saindo todo mundo pra trabalhar. Eu não gosto de ir pra casa de ninguém, ele é meu amigo. Um dia ele quebrou, foi horrível, mas no outro mês eu comprei outro.*

2. Qual a motivação pela qual o(a) senhor(a) ouve o Programa “Viva Bem” com Jô Nascimento, na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: *Eu gosto deste programa, parece que ela diz o que a gente queria mesmo escutar; também gosto de quando vai alguém para falar.*

3. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: *Talvez três anos.*

4. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: *Sim, não vou falar em curiosidade, mas de satisfazer dúvidas em alguma coisa.*

5. Por meio da participação, o(a) senhor(a) faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: *Eu não ligo muito, porque é difícil pra mim.*

6. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: *Sim, porque depois que se escuta o certo, fica mais fácil de tudo, até de buscar ajuda.*

FICHA DE ENTREVISTA 5

Entrevistado: Amajari

Data da entrevista: 01/10/2016

Idade: 66 a.

Estado Civil: solteira

Bairro: São Vicente

Escolaridade: 1º grau completo

Fonte de renda: sem renda

Mora com familiar: sim

1. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã de todo sábado?

Resp.: É muito importante ter com quem conversar; como sou solteira, encontro neste programa uma maneira de bater um papo bom.

2. Qual a motivação pela qual o(a) senhor(a) ouve o Programa “Viva Bem” com Jô Nascimento, na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: Pela forma que sou escutada, pelos assuntos, até pelas músicas. E olha que eu sou evangélica.

3. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: Deve de ter uns dois anos.

4. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: Sim, ele chegou numa boa hora, tava meio depressiva, até tomando remédio pra solidão.

5. Por meio da participação, o(a) senhor(a) faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: Sempre que dá eu dou uma ligadinha.

6. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: Disto eu não tenho dúvida, minha filha, eu sou um testemunho vivo (risos).

FICHA DE ENTREVISTA 6

Entrevistado: Branco

Data da entrevista: 01/10/2016

Idade: 62a.

Estado civil: casado

Bairro: Centenário

Escolaridade: 1º grau completo

Fonte de Renda: aposentado, mas ainda trabalha

Mora com familiar: sim

1. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã de todo sábado?

Resp.: *Porque a conversa com as pessoas é importante, outras pessoas estão também escutando a gente quando estamos falando.*

2. Qual a motivação pela qual o(a) senhor(a) ouve o Programa “Viva Bem”, com Jô Nascimento, na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: *Veja, eu gosto muito de conversar, e no programa a gente conversa, o tempo é pouco mas dá pra trocar umas ideias.*

3. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: *Do início.*

4. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: *Sempre encontro as respostas, as dúvidas são tiradas e explicadas.*

5. Através da participação, o(a) senhor(a) faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: *Não precisa fazer sugestão, porque todo encontro, como ela chama, já é um encontro diferente.*

6. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: *Não posso falar por todos, mas eu penso que, de algum jeito, a gente muda.*

FICHA DE ENTREVISTA 7

Entrevistado: Catrimani

Data da entrevista: 15/10/2016

Idade: 81 a.

Estado civil: casado

Bairro: 31 de Março

Escolaridade: primário

Fonte de renda: aposentado

Mora com familiar: sim

1. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã de todo sábado?

Resp.: *Porque é boa de ouvir.*

1. Qual a motivação pela qual você ouve o Programa “Viva Bem”, com Jô Nascimento, na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: *Porque eu já deixo no canto certo de ouvir, não deixo ninguém botar em outra rádio.*

2. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: *Moro aqui há 52 anos, e eu escuto desde que começou o programa.*

3. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: *Nesta altura, eu não tenho curiosidade, mas pra quem é curioso, deve de encontrar.*

4. Por meio da participação, você faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: *Não, eu não ligo pra lá não, só escuto.*

5. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.:.

6. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: *Sim.*

FICHA DE ENTREVISTA 8

Entrevistado: Cauamé

Data da entrevista: 15/10/2016

Idade: 60a.

Estado civil: casado

Bairro: São Vicente

Escolaridade: superior

Fonte de Renda: ainda trabalha

Mora com familiar: sim

1. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã de todo sábado?

Resp.: Devemos ouvir o que é bom e que ensina alguma coisa para nós; procurar crescer, mesmo sendo grande, é importante.

2. Qual a motivação pela qual você ouve o Programa “Viva Bem”, com Jô Nascimento, na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: Motivos não me faltam, vai desde a forma aos temas que eu escuto.

3. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: Acho que um ano.

4. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: Eu encontro a cada tema que eu escuto.

5. Por meio da participação, você faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: Sempre que posso eu ligo; sim, já pedi alguns assuntos para ser ouvidos.

6. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: Mas é claro, nós precisamos da informação, isto faz refletir sobre a vida, o comportamento.

FICHA DE ENTREVISTA 9

Entrevistado: Itapará.

Data da entrevista: 29/10/2016

Idade: 61a.

Estado civil: casada

Bairro: Centenário.

Escolaridade: 1º grau incompleto

Fonte de renda: sem renda

Mora com familiar: sim

1. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã de todo sábado?

Resp.: Por ser uma rádio muito séria, e claro, porque traz bons programas.

2. Qual a motivação pela qual você ouve o Programa “Viva Bem”, com Jô Nascimento, na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: Devo até agradecer a existência deste programa; quando perdi minha mãe fiquei sem querer conversar com ninguém, fiquei isolada, então comecei a ouvir o programa, e um dia teve um tema sobre a morte, eu nunca tinha ouvido alguém falar aquilo.

2. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: Dois anos aproximadamente.

3. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: Escuto mais; mas, sim, tenho algumas curiosidades que são sanadas.

4. Através da participação, você faz sugestão de temas para os próximos programas;

Resp.: Não sou muito de ligar, mas fiz algumas participações. No dia que foi falado sobre a morte, eu resolvi ligar. Depois conversei com ela fora do ar, pois eu comecei a chorar.

5. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: Não me resta nenhuma dúvida.

FICHA DE ENTREVISTA 10

Entrevistado: Mucajaí

Data da entrevista: 29/10/2016

Idade: 74 a.

Estado civil: casada

Bairro: Caetano Filho

Escolaridade: superior

Fonte de Renda: aposentada

Mora com familiar: sim

1. Qual a motivação pela qual você ouve o Programa “Viva Bem”, com Jô Nascimento na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: *Gosto de ouvir a voz dela, porque é boa.*

2. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: *Não sei, não lembro.*

3. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: *O gato morreu porque era curioso (risos); eu não sou assim, mas eu escuto todo sábado.*

4. Por meio da participação, você faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: *Não ligo porque não sei e não tenho mais vista para ligar, mas eu escuto todo o programa. Gosto quando ela manda abraço para todos os idosos.*

5. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: *Acho que ajuda as pessoas.*

FICHA DE ENTREVISTA 11

Entrevistado: Maú

Data da entrevista: 05/11/2016

Idade: 79a.

Estado civil: casado

Bairro: São Pedro

Escolaridade: primário completo

Fonte de Renda: aposentado ex-território de Roraima.

Mora com familiar: sim

1. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã de todo sábado?

Resp.: *Porque tem uma programação muito alegre; também tem o jornal que deixa a gente informado, né?*

2. Qual a motivação pela qual você ouve o Programa “Viva Bem” com Jô Nascimento na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: *Isso mesmo, porque é boa.*

2. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: *Tem já uns tempos.*

3. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: *Não é bem curiosidade, são dúvidas e escutando vou aprendendo.*

4. Por meio da participação, você faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: *Às vezes, quando meu neto tá em casa, ele me ajuda, e eu falo, sempre consigo falar com a Jô.*

5. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: *Deve, sim.*

FICHA DE ENTREVISTA 12

Entrevistado: Parimé

Data da entrevista: 05/11/2016

Idade: 68a.

Estado civil: separado

Bairro: Aeroporto

Escolaridade: 1º grau incompleto

Fonte de Renda: ainda trabalha

Mora com familiar: mora sozinho

1. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã de todo o sábado?

Resp.: *Porque eu gosto, eu sou muito fã do programa, até já conheci a Jô.*

3. Qual a motivação pela qual você ouve o Programa “Viva Bem” com Jô Nascimento na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: *Porque eu gosto, eu sou vigia, o rádio ajuda na companhia e gosto muito de escutar.*

3. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: *Acho que desde quando começou e deve ter tempo.*

4. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: *Encontro, sim.*

5. Por meio da participação, você faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: *Já fiz várias vezes pedidos, dei sugestão, porque às vezes é a mesma dúvida de outras pessoas.*

6. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: *Penso que sim.*

FICHA DE ENTREVISTA 13

Entrevistado: Surumu

Data da entrevista: 19/11/2016

Idade: 78 a.

Estado civil: viúva

Bairro: Caranã

Escolaridade: superior

Fonte de renda: aposentada

Mora com familiar: sim

1. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã de todo o sábado?

Resp.: *Você acredita que é porque ela me faz companhia? Pois então é por isso.*

2. Qual a motivação pela qual você ouve o Programa “Viva Bem” com Jô Nascimento na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: *Porque eu ligo logo cedo e já começo ouvindo o Programa “Viva Bem”.*

3. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: *Não lembro bem, já há um tempinho.*

4. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: *Encontro, eu escuto, às vezes, coisas que, depois, vou pensar naquilo.*

5. Através da participação, você faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: *Eu não ligo lá, não.*

6. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: *Provoca, minha filha.*

FICHA DE ENTREVISTA 14

Entrevistado: Tacutu

Data da entrevista: 19/11/2016

Idade: 61a.

Estado civil: separado

Bairro: Nova Cidade

Escolaridade: primário

Fonte de renda: ainda trabalha

Mora com familiar: sim

1. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã de todo sábado?

Resp.: *Ela nos dá boas informações.*

2. Qual a motivação pela qual você ouve o Programa “Viva Bem” com Jô Nascimento na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: *É um programa para as pessoas idosas, devemos prestigiar.*

3. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: *Acho que alguns anos.*

4. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: *Sempre nos acrescenta algo para refletir.*

5. Por meio da participação, você faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: *Sim, já fiz algumas vezes pedidos de temas e músicas também, de meu passado.*

6. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: *Sim.*

FICHA DE ENTREVISTA 15

Entrevistado: Uraricuera

Data da entrevista: 26/11/2016

Idade: 82 a.

Estado civil: casado

Bairro: Cidade Satélite

Escolaridade: analfabeto

Fonte de renda: aposentado

Mora com familiar: sim

1. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 da manhã de todo sábado?

Resp.: Eu gosto das programações desde cedo até o jornal da noite.

2. Qual a motivação pela qual você ouve o Programa “Viva Bem” com Jô Nascimento na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: Porque ela é muito sabida, estudou muito sobre os idosos.

3. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: Uns aninhos (risos).

4. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: Encontro, sim.

5. Por meio da participação, você faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: Se eu tivesse quem pudesse ligar, eu pedia uns assuntos.

6. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: Sim.

FICHA DE ENTREVISTA 16

Entrevistado: Xeruni

Data da entrevista: 26/11/2016

Idade: 68 a.

Estado civil: solteiro

Bairro: Centenário

Escolaridade: primário

Fonte de Renda: aposentado

Mora com familiar: sim

1. Por que sintoniza a rádio FM Monte Roraima, no horário de 06h15 às 07h00 horas da manhã de todo sábado?

Resp.: *É muito bom ouvir as músicas e a programação.*

2. Qual a motivação pela qual você ouve o Programa “Viva Bem” com Jô Nascimento na Rádio FM Monte Roraima?

Resp.: *Penso que este programa motiva todos que escutam, porque ele é curtinho, mas consegue falar o que é preciso.*

3. Há quanto tempo é ouvinte do Programa?

Resp.: *Aproximadamente dois anos.*

4. Encontra no Programa resposta para suas curiosidades?

Resp.: *Como diz a moda, tem sempre um “papo reto”.*

5. Através da participação, você faz sugestão de temas para os próximos programas?

Resp.: *Sou fã de carteirinha, todo sábado eu ligo, e peço além de temas também músicas.*

6. Na sua opinião, considera que o Programa provoca transformação na vida dos ouvintes?

Resp.: *Eu diria que todos deveriam ouvir, pois ajuda muito.*